

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

ESPEDITO LAERTE HOLANDA JUNIOR

**"ELAS POR ELAS: JOGADORAS CAPIXABAS FALAM SOBRE FUTEBOL FEMININO,
GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DE SUAS TRAJETÓRIAS"**

VITÓRIA

2018

ESPEDITO LAERTE HOLANDA JUNIOR

"ELAS POR ELAS: JOGADORAS CAPIXABAS FALAM SOBRE FUTEBOL FEMININO,
GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DE SUAS TRAJETÓRIAS"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ileana Wenez

Coorientadora: Laíra Assunção Braga

VITÓRIA

2018

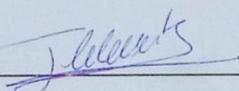
ESPEDITO LAERTE HOLANDA JUNIOR

FUTEBOL FEMININO E GÊNERO: O QUE DIZEM AS JOGADORAS CAPIXABAS?

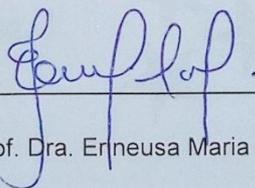
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Educação Física - Bacharelado, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em 12/12/2018

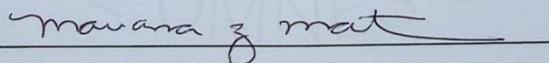
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dra. Ileana Wenetz



Prof. Dra. Erneusa Maria da Silva



Prof. Dra. Mariana Zuaneti Martins

*Dedico, tudo que ainda conseguir nesta vida,
à minha mãe, Jane Pires Holanda,
que só me pediu que eu fosse espontâneo.*

AGRADECIMENTOS

As orientadoras, Ileana e Laíra.

A banca, Erineusa e Mariana.

As jogadoras que concederam as entrevistas.

Aos colegas.

Aos professores.

Aos amigos do futebol.

Ao futebol e a bola.

Aos amigos.

A cinco famílias especiais de amigos do Bairro de Lourdes.

Aos amigos do Banestes.

A "Grande Família" - minha segunda família.

À minha família, Laerte (Pai), que me sustentou até os 30 anos, sem reclamar e Carol (Irmã) que cuidou da mamãe, enquanto eu estava no futebol.

A minha companheira Gerusa "Gegê", que divide tudo comigo - até o stress do TCC.

A Deus, que nunca me faltou.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar, compreender e problematizar quais sentidos as jogadoras capixabas atribuem a gênero e sexualidade no futebol feminino. O trabalho se justifica, pois apesar do tema ter sido frequente nas pesquisas científicas, há poucos trabalhos referentes as jogadoras capixabas. A metodologia possibilitou ouvir jogadoras, por meio de entrevistas semiestruturadas, sobre suas vivências no futebol, por esta lente de gênero e buscou incluir também sexualidade na pauta. Foram definidos categorias e eixos de análise como acesso, desafios para permanência e proposições para o futebol de mulheres. As mulheres ainda enfrentam diversos tipos de obstáculos para jogar futebol, fundamentados nestas questões, com cerceamento e vigilância de gênero, inclusive com risco de violência. As entrevistadas superam estes obstáculos, mas presenciaram várias situações ruins e marcantes. Estes entraves estão no cerne do atraso na estruturação do futebol de mulheres. Há uma percepção de uma pequena e lenta melhoria. Para avançar as atletas sugerem uma mudança no olhar social, com mais empatia com as mulheres que jogam ou querem jogar futebol, em especial com mais respeito as homoafetivas. A evolução deve passar por uma nova cultura, permitindo e estimulando as meninas a brincar de futebol e pela inserção na Educação Física. Deve haver equilíbrio nos investimentos públicos nos esportes, entre os gêneros. O futebol de mulheres pode ser um apoio importante para as pautas sociais de gênero, em direção ao maior respeito às diferenças.

Palavras-chave: Futebol feminino; futebol de mulheres, gênero e sexualidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	OBJETIVOS.....	7
1.1.1	Objetivo geral	7
1.1.2	Objetivos específicos	7
2	JUSTIFICATIVA	8
3	REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1	MULHER, ESPORTE E HISTÓRIA.....	14
3.2	O FUTEBOL – FENÔMENO DE MASSA E IDENTIDADE NACIONAL – O MASCULINO.....	16
3.3	O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL NO SÉCULO XX.....	18
3.4	FUTEBOL FEMININO NO ESPÍRITO SANTO: AS MENINAS JOGAM TODOS OS FUTEBÓIS.....	19
3.5	FUTEBOL DE MULHERES: GÊNERO E SEXUALIDADE.....	20
4	METODOLOGIA	24
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	25
4.2	SUJEITOS DA PESQUISA.....	26
5	DISCUSSÃO	30
5.1	APRESENTAÇÃO DO PERFIL DAS ENTREVISTADAS.....	30
5.2	ACESSO AO FUTEBOL PARA AS MULHERES.....	33
5.3	TRAJETÓRIAS E DESAFIOS PARA PERMANECER NO FUTEBOL.....	37
5.4	FUTEBOL DE MULHERES, GÊNERO E SEXUALIDADE.....	41
5.5	ELAS POR ELAS.....	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	57
	ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	61
	ANEXO B – Roteiro da entrevista.....	64

1 INTRODUÇÃO

As mulheres ainda enfrentam diversos tipos de dificuldades para jogar futebol no Brasil, neste século XXI. Parte importante dessas dificuldades está fundamentada em aspectos socioculturais que se expressam em atitudes preconcebidas, como a segregação, o cerceamento, a erotização e a vigilância sobre a identidade de gênero (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

Goellner (2005) afirma que, durante todo o século passado, as mulheres fizeram história, entre incentivos e interdições, em sua luta para avançar, organizar e instituir o futebol de mulheres como esporte, modalidade e comunidade a que pertencem. Essa tentativa de organização, ainda incompleta nos dias de hoje, persiste e necessita da desobstrução desses espaços e almeja possibilitar tanto a sua prática, física e técnica quanto sua socialização em diversas formas de expressão de sua liberdade, como o esporte pode propiciar-nos.

O esporte é culturalmente forte no Brasil, mesmo que a maioria das diversas modalidades que acontecem no país precise de melhor estrutura. O futebol responde por uma grande fatia, talvez maior que o restante do bolo, no esporte brasileiro, em vários itens passíveis de classificação, sejam sociais, culturais, sejam econômicos. Atribui-se esse fato ao gosto do brasileiro – a paixão nacional –, conforme se diz no senso comum, porém não sem motivo, pois esse traço do povo brasileiro foi formado historicamente de suas interseções históricas com a política brasileira, a participação na denominada democratização racial, sua popularização e transição da população para a vida urbana em meados do século XX, além dos investimentos públicos e privados que o fortaleceram. Sua inserção na mídia é causa e efeito, assim como contribuíram os resultados em campo do esporte propriamente dito e da idolatria aos grandes jogadores, aos clubes e à seleção nacional, tudo colocou holofotes no Brasil para o cenário mundial (RINALDI, 2000).

O assunto futebol é muito discutido e comentado em todo o Brasil, desde as casas e em família até os espaços de lazer e recreativos, em vários espaços e em várias situações: no trabalho e entre os colegas; nas escolas e entre as crianças, de forma curiosa e, às vezes, apaixonada; em tom provocativo entre amigos; em trabalhos acadêmicos, com ênfase tanto na sua parte física, fisiológica ou técnica quanto nos aspectos sociológicos e culturais. O futebol toma enorme proporção da mídia, possuindo setor próprio (TOLEDO, 2000).

Apesar de todo esse apelo, inserção e volume, percebemos que às mulheres se reservam espaços subalternos e periféricos de um futebol historicamente controlado e desenvolvido pelos homens e para os homens. O futebol participa de várias formas na constituição de boa parte da identidade dos brasileiros, mas podemos dizer que essa identidade, forjada nesse processo histórico, é efetivamente uma identidade masculina (KESSLER, 2016).

Como exemplo, citamos o costume de muitas famílias que inserem os meninos, mesmo antes de nascer, num verdadeiro ritual para a escolha do time pelo qual a criança deverá torcer no futuro, tanto mais influenciado pelos homens. Essa cultura eminentemente masculina não está separada dos atravessamentos e instituições da organização social. Por isso, a temática da mulher no esporte tem sido constante nas pesquisas da área de gênero, despertando maior interesse e apontando a desconstrução de velhos conceitos, como mulher não sabe jogar futebol (KESSLER, 2016).

Assim, apostamos no futebol como um disparador para pensar as questões da sociedade em que se insere. Desse modo, pensar gênero e sexualidade no futebol feminino ou futebol jogado de mulheres é também pensar esses temas numa amplitude para além do esporte, sendo corroborado nesse aspecto por Ribeiro (2004, p. 99), que afirma: “O futebol, como toda prática social, encontra-se de tal modo imbricado com a sociedade, que tomá-lo como objeto de estudo implica em se abrir para possibilidades imensas de abordagens”.

Neste trabalho, apesar das variações dos conceitos e considerarmos a polissemia na linguagem, que será tratada na revisão de literatura, trazemos futebol feminino e futebol de mulheres como sinônimos. Ainda poder-se-á perceber alguma variação de sentido, como o feminino aplicado ao futebol para aquilo que já passou, ao passo que o futebol de mulheres tratará mais vezes do que é presente ou das perspectivas para o futuro. Algumas vezes os termos virão justapostos. Os campeonatos ainda são batizados como de "futebol feminino".

Particularmente e pessoalmente, vivi o futebol, ao longo dos últimos 35 anos, como espaço de socialização e formação de minha identidade. Comecei a trabalhar com o futebol precocemente e montei meu primeiro time para competições oficiais infantis em 1985. Dirigia meninos mais velhos do que eu. Ganhei "Futebol" como sobrenome, fui o Espedito do Álvares, Espedito do Ítalo, Espedito do Banestes (Associação Banestes), o Espedito da Gazetinha (Competição) e por fim o Espedito do Futebol. Já tinha reconhecimento quando

cheguei ao futebol feminino em 1998. No princípio acreditei que o crescimento do futebol entre as mulheres seria vertiginoso, mas a coisa não acontecia.

Eu trazia de casa uma ideia de maior respeito as pessoas e ao jeito de ser de cada um. Aprendi na Universidade, como o Professor José Domingos, de antropologia, o ideal de respeito às diferenças. Estes princípios e valores se confrontavam com o mau tratamento que via em relação às mulheres que jogavam futebol e em especial as homossexuais da minha equipe, que eram xingadas na rua, sem nenhum motivo, exceto (para quem xingava) o seu estereótipo. Não conseguia entender, pois desde muito pequeno queria escalar as meninas do colégio para jogar, e não entendia como vinte anos depois (de 1978 à 1998) isso ainda era um tabu. Percebi que o diferente, o que não compreendia a situação real, talvez fosse eu mesmo. Assisti ao Radar F. F. jogar em 1986 e acreditei que logo teríamos muitos jogos daqueles. E não acontecia. Eu queria entender, as origens sociais, culturais e esportivas destas questões. O que a ciência dizia sobre o gênero influenciar no futebol? Mais tarde percebi que havia questões mais especificamente ligadas ao controle da sexualidade das mulheres, que jogam futebol. Estava cursando Educação Física na Universidade e resolvi estudar.

A evolução da mulher em sociedade, com a abertura de um novo leque de possibilidades e entrada cada vez mais comum e numerosa em territórios antes reservados para os homens, e as políticas para o empoderamento feminino sugerem uma mudança também no futebol. Percebe-se uma evolução ou até uma revolução, nos últimos anos, tanto no sentido estrutural quanto na busca da igualdade de tratamento e oportunidades. Temos, em registros científicos, a descrição de um novo momento com novas conquistas e para um novo futebol mais inclusivo e democrático, com ações em várias frentes, despertando a consciência social, mas que ainda permanece invisível (KESSLER, 2016).

As mulheres continuam policiadas quanto ao seu gênero e sexualidade? No estado do Espírito Santo, as jogadoras têm desafios relacionados a questões de gênero e sexualidade para praticar o futebol? Quais situações de discriminação têm ocorrido no futebol de mulheres no Espírito Santo que impedem ou obstaculizam as práticas de futebol pelas mulheres? Como se adaptam e superam essas questões?

Nesse contexto, chegamos a nossa questão: como compreender as relações de gênero e sexualidade que perpassam as práticas do futebol de mulheres e provocam situações de discriminação e desigualdades, adaptação e superação, no estado do Espírito Santo?

Para isso, decidimos entrevistar um grupo de atletas que atuaram, de forma competitiva no futebol e ouvi-las relatar suas vivências relacionadas com gênero e sexualidade no futebol.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

- Problematizar quais sentidos jogadoras e treinadoras capixabas atribuem durante sua trajetória ao gênero e à sexualidade no futebol de mulheres, como negociam, resistem ou desistem da vivência na prática.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar como ocorrem o acesso e permanência das atletas e treinadoras no futebol capixaba.
- Compreender quais sentidos as jogadoras atribuem durante sua trajetória às questões de gênero e de sexualidade relacionadas a sua prática do futebol.
- Descrever como acontecem as diferenças de gênero e sexualidade das jogadoras e treinadoras no campo esportivo do futebol capixaba.
- Compreender como as jogadoras enfrentam as questões de gênero e de sexualidade no futebol.

2 JUSTIFICATIVA

Apesar do apelo popular do futebol, este pouco foi pesquisado como fenômeno sociológico até meados de 1970, sendo recente sua pesquisa antropológica e sociológica. A falta de interesse beirava o preconceito com menor importância atribuída a essa atividade, considerada menor, por ser o futebol ligado à cultura de massas e taxado de mecanismo de alienação, responsável pelo atraso da revolução brasileira (HELAL, 2011).

Da Matta (1982) é um dos pioneiros em enxergar a pesquisa acadêmica no futebol brasileiro como algo relevante para a sociedade. Participa do desmonte da tese supermoralista (segundo ele mesmo) de que o futebol é o ópio do povo. Reclama que esta tese reduziria um fenômeno complexo, múltiplo, com significados variados a uma só função de desviar a atenção das pessoas daquilo que seria mais importante. Demonstra que o futebol é um fenômeno capaz de dar consciência da cultura popular e assim contribuir para muitos fenômenos históricos. Para citar um de seus destaques, vimos que a democratização racial no Brasil foi incutida em muitos espaços e no pensamento popular, pela presença do negro no futebol.

Freyre, citado por Soares (2003), afirma que o futebol contribuiu para a história da sociedade e da cultura brasileira na sua transição para a fase urbana. Negreiros et al. (1998, p. 11) sintetizam em termo bem abrangente e encorajador para quem quer pesquisar além do que está estabelecido: “Analisar o futebol não é tarefa fácil, porém o futebol não pode ser pensado como uma mera prática esportiva. Seria empobrecê-lo”.

Assim, acreditamos que a pesquisa acadêmica no futebol feminino, com viés de gênero e sexualidade, também pode aproveitar o caminho aberto por esses estudos sociais como fenômeno sociológico e ir para além das questões técnicas. Podemos pesquisar o feminismo atuando para permitir o futebol às mulheres e, numa via de mão dupla, o futebol atuando para permitir às mulheres o feminismo.

Efetivamente o futebol praticado por mulheres, na pesquisa acadêmica, despertou interesse dos pesquisadores, no fim do século XX, em três aspectos: contexto do desenvolvimento do esporte feminino; treinamento e desenvolvimento físico e fisiológico das mulheres atletas; questões de gênero e Educação Física escolar.

Nos anos 2000, as pesquisas sobre o futebol de mulheres no Brasil se tornaram mais intensas sob a perspectiva de gênero. Com base em documentos oficiais, periódicos e narrativas, fica claro que esse futebol está umbilicalmente ligado a tais questões (BARREIRA et al., 2018). A questão da sexualidade ainda costuma ser tratada paralelamente às questões de gênero, mesmo que se queira buscar mais especificações, visto que o tema sexualidade hoje é tratado com muito mais amplitude, categorizações e, quando for o caso, especificidades (D'ÁVILA; SOUZA JÚNIOR, 2009).

Em consultas à plataforma – Google acadêmico – acerca do período entre 2000 e 2015, verificamos 21 trabalhos com as palavras-chave: futebol feminino, gênero e sexualidade. Além desses utilizamos outros 20 artigos e para esta pesquisa sobre termos mais específicos, ou que possuem de forma separada: futebol; feminino; gênero; sexualidade; que contribuem para capítulos específicos do trabalho, porém não tratam de todos os quatro temas ao mesmo tempo, em suas obras.

Conseguimos identificar pesquisas com atletas e equipes baianas, cariocas, gaúchas, mineiras, paraenses, paranaenses e paulistas, desde já classificadas em ordem alfabética, para evitar alguma hierarquia de valor entre essas iniciativas esportivas pesquisadas. Alguns trabalhos ressaltam a própria busca por descobrir essas histórias, em determinadas regiões do Brasil. Apesar desse ritmo das pesquisas brasileiras, não encontramos relatos de atletas ou equipes capixabas; portanto, trabalhos abordando conceitos e questões relacionadas a gênero e sexualidade no futebol feminino ou futebol de mulheres ainda contam com poucas publicações no estado do Espírito Santo.

Em consulta à base de dados de periódicos – Google acadêmico e SciELO –, para buscas de trabalhos publicados sobre o futebol entre as mulheres do Espírito Santo, encontramos os descritores “futebol feminino” com “gênero e sexualidade” e apenas uma publicação relacionada ao futebol feminino na linguagem televisiva. Em consulta à biblioteca da Faculdade de Educação Física da Ufes, localizamos, com os mesmos descritores, seis trabalhos sobre o futebol de mulheres nos aspectos técnicos e de gênero, ligados à aceitação e ao acesso.

Entendemos que seja bastante útil, por meio de entrevistas, ouvir as próprias atletas, para compreender os atravessamentos de gênero e sexualidade, com registros das falas de atletas

capixabas, os quais podem contribuir como fonte de reflexão e orientação para a sociedade, em direção ao maior respeito a essas mulheres atletas e tantas outras que elas podem representar. Além disso, servir como memória esportiva, necessária para que as futuras gerações, de atletas ou não, conheçam o caminho percorrido pelas atletas e pela modalidade desse gênero feminino.

A partir dessas vivências e memórias, perguntar quais sugestões podem apresentar, para tornar o a prática de futebol pelas mulheres cada vez melhor e, assim, buscar sua autonomia e evolução? Pelos relatos, pretendemos verificar, entre outras coisas, se qualitativamente o futebol feminino acompanha seu paralelo masculino na ampliação de sua estrutura e aumento das perspectivas profissionais.

Com base nesse microcosmo do futebol feminino ou jogado por mulheres, poderemos observar seus aspectos culturais, permitindo abordar e verificar sua evolução, empoderamento e autonomia da mulher em sociedade, em vários espaços e instâncias. Entendemos que um trabalho que busque o tensionamento de obstáculos, percepções e alianças, tangenciando gênero e sexualidade das atletas, será importante para compreender tais práticas, em um país tido como terra do futebol, mas marcadamente futebol masculino.

Buscamos, assim, contribuir fomentando a discussão dos processos que tornam subalternas as práticas do futebol quando jogado por mulheres. Visamos participar de forma científica e auxiliar as mulheres atletas na construção de um pensamento crítico ante as atuais demandas de gênero e sexualidade, para – quem sabe? – dialogar com sociedade em geral, tornando-se, se este for o seu desejo, atrizes importantes nesse processo.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura sobre mulheres, futebol, gênero e sexualidade buscou reunir uma base conceitual e pensamentos científicos acerca da temática do trabalho, para permitir reflexões e discussões sobre as entrevistas realizadas com as atletas e treinadoras.

Partimos de pontos empíricos comuns entre diversos fatos que observamos em nossas experiências no futebol feminino, que nos tornam inquietos e nos impulsionam a querer entender melhor o contexto do futebol feminino e contestar e reconstruir atitudes e conceitos, lançando-nos num roteiro comum: O que acontece? Por que e como acontece? Quando isso surgiu? Sempre foi assim? Como chegamos até aqui? Isso se justifica? Há quem pense de outra forma? Como podemos diferenciar-nos positivamente? Há outros caminhos? Como será no futuro?

A todas essas perguntas podemos aplicar como complemento nossas palavras-chave – futebol feminino, gênero e sexualidade – e, após esses questionamentos filosóficos, perceber que devemos buscar profundamente as interconexões entre os fatos e as questões que permitem conhecer um pouco mais sobre esses elementos históricos, sociais, políticos, econômicos e esportivos, para, nesse caso, pensar o futebol feminino de forma mais complexa e eficaz.

A partir destes pontos, partimos para as ferramentas de pesquisa e buscamos as leituras pertinentes para este recorte do futebol feminino ou futebol de mulheres. Alguns pensadores são frequentemente citados e se tornaram referências acadêmicas no futebol feminino brasileiro. Assim, conforta-nos ler em suas sentenças e críticas, citadas em várias pesquisas, o entendimento dos pontos que buscamos, viabilizando a nossa abordagem científica. Um ponto se destaca na origem desta vontade: Guedes (2003) faz-nos despertar para o potencial do futebol feminino, a fim de pôr em pauta o respeito à mulher esportista e particularmente o respeito as mulheres homossexuais presentes no futebol e em toda a sociedade, assim como, um dia, Pelé colocou o racismo em pauta para todo o Brasil.

Silvana Vilodré Goellner torna-se uma das principais referências para este trabalho, pois o conjunto de sua obra versa sobre quase todos os pontos escolhidos, em que, exercitando uma sequência e resumo, citamos tanto a história da mulher e gênero no esporte quanto a educação e produção dos corpos femininos. A respeito de suas obras que se referem ao futebol, tais

como “Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história” e “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”, ambas de 2005, percebemos uma coluna estruturadora do trabalho.

Nessa esteira, além das novas ideias descobertas nos textos, definimos o roteiro para estudo com cinco pontos e suas subdivisões, nos quais tivemos, em cada setor, o apoio de autores que serviram de arrimo e serão citados de forma especial, além de muitas contribuições, conforme apresentamos neste início.

Em “Mulher, atividade física, esporte e história”, retrocedemos, pesquisamos e apresentamos um pouco da origem do esporte e da participação da mulher nas atividades físicas e no esporte, numa perspectiva histórica, para compreender como chegamos ao momento em que estamos voltando até o pensamento da Grécia Antiga – como fator influenciador da cultura ocidental – e passando pela formação do esporte moderno, sua chegada ao Brasil e as implicações da participação da mulher no esporte em geral ao longo desse período, com um capítulo especial para sua entrada, enraizamento e naturalização nas Olimpíadas modernas. Oliveira, Cherem e Tubino (2008) são a principal referência para este início. Vários outros autores são citados, porque têm a história do esporte como tema ou diversos capítulos introdutórios de pesquisas que buscam um ponto histórico para iniciar suas narrativas. As contribuições são tantas, que nos permitiram comparar visões diferentes do ponto de vista do criador das Olimpíadas modernas, Pierre de Coubertin, acerca da participação ou não (e de que forma) das mulheres nas Olimpíadas.

Continuamos com “Futebol: fenômeno de massa e identidade nacional – o masculino”, em que Helal, Soares e Lovisolo (2001) enumeram, esclarecem e discutem os porquês do futebol no Brasil, que se torna tão arraigado cultural e socialmente, a ponto de receber investimentos e se profissionalizar, constituindo parte de nossa identidade, ao passo que o futebol feminino, ao longo do mesmo período do século XX, estaciona em sua luta para ter direito à prática e instituir-se com muitas dificuldades e obstáculos, conforme apresentamos no ponto “O futebol feminino no Brasil, no século XX”, em que Franzini, ao pesquisar o futebol no Brasil, descobre (um tanto casualmente, como diz em entrevista a Ludopédio) a riqueza das intervenções das mulheres na história do futebol brasileiro, paradoxalmente contrariada pela representação que há nos documentos históricos e nos periódicos, que retratam as constantes tentativas de interdição à participação dessas mulheres, que é levada a cabo com a proibição

legal pela ditadura, cujas consequências para o futebol feminino, passados 70 anos, ainda se tornam motivo de pesquisa para muitos trabalhos.

Ao abstrairmos as questões de gênero, abrimos caminho para “Futebol de mulheres, gênero e sexualidade”, mais central deste trabalho, em que exploramos algumas tabelinhas (no sentido do futebol) entre Goellner e Louro (2008). Esta constitui outra de nossas principais referências para compreendermos gênero e sexualidade de forma conceitual na modernidade, já liberta do binarismo da heteronormatividade, aplicado nos ambientes sociais em geral, na escola e no esporte de forma particular e igualmente aguda. Pesquisamos as ligações do machismo e do controle masculino da sociedade em relações de poder com as devidas análises, das origens, das pretensas justificativas, dos impactos, das consequências e desdobramentos dos problemas que essas conexões trazem ao futebol de mulheres, conforme ressalta Ávila (2015). São muitos os autores e vários os enfoques, consequência das comparações que as pessoas fazem a todo o momento com uma matriz que se parece parametrizada no pensamento sobre o masculino e o feminino, com padrões estanques e vigilância permanente sobre as atitudes das pessoas, influenciando até permissões e bloqueios quanto aos seus direitos preconizados pela cidadania, neste caso com enfoque na mulher, no esporte e no futebol.

Neste momento, conseguimos reconhecer um ponto nevrálgico que explica parte de nossa inquietação científica e, de fato, geradora de estresse, por um ângulo em que o futebol se torna frágil: a visão mais clara de que essas dificuldades se constroem em conjunto e formam a teia, conforme classifica Luz Junior (2003), entrelaçada de ações, doutrinas, intervenções e políticas, as quais as mulheres, para que estejam no futebol, têm de se desembaraçar de seu tecido voluntário pelo cerceamento e, às vezes, involuntário pela reprodução histórica e acrítica de atitudes e comportamentos que se interpõem na vida das mulheres e no futebol, formando uma pesada âncora, atracada ao seu imaginário e à sua liberdade, permitindo-nos uma visão detalhada e sistêmica de quão diversas são as infundadas atribuições de culpa e as punições imperativas preventivas, os pecados não cometidos e os castigos surreais às mulheres no futebol feminino. Esse contexto nos leva a pensar num conjunto de soluções articuladas para atuar em favor do futebol feminino ou futebol de mulheres.

Desse ponto em diante, orientamo-nos e inspiramo-nos em dois autores, Souza, Souza Junior e Knijnik, que, em diversas publicações, algumas com coautores, pesquisaram as questões de

gênero e sexualidade que impactam a vida das atletas ante as perspectivas das próprias atletas, o que é também a intenção desta pesquisa.

3.1 MULHER, ESPORTE E HISTÓRIA

Desde a Grécia Antiga, as mulheres foram impedidas de praticar esportes e limitadas na prática de atividades físicas em geral. Os conceitos de masculinidade e feminilidade estavam ligados diretamente ao sexo masculino e feminino, numa constituição binária. Ditava-se o comportamento adequado às mulheres, baseado na sociedade patriarcal, ligado a um ideal de moralidade e alinhado com os papéis prescritos de mãe e esposa (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

As mulheres eram proibidas de participar das Olimpíadas da Era Antiga, sob as mesmas justificativas: biológicas, culturais e morais. Há alguns relatos de participação direta ou indireta, o que constituía um grande risco para as mulheres, visto que eram proibidas até mesmo de assistir às competições. Não obedecer a essa lei era visto como uma transgressão, punida com pena de morte (CHIÉS, 2006).

A filosofia grega da antiguidade influenciou toda a civilização ocidental, por isso torna-se possível relacionar os ideais gregos, como o culto ao corpo e as relações sociais, integrados ao desenvolvimento do esporte moderno, com instituições de regras e federações na Inglaterra, no século XIX, por intermédio da classe burguesa patriarcal, desse período pós-revolução industrial, inclusive com a exclusão das mulheres do esporte (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). O esporte em várias de suas modalidades, como instituído na Inglaterra, desembarcava no Brasil pouco a pouco, ainda no século XIX e começava a se desenvolver no início século XX, posteriormente se incorporando à cultura local em diversos matizes (FRANZINI, 2003).

Goellner (2005) descreve esse mesmo período do fim do século XIX para sua inserção e o início do século XX, para começar a conquistar maior espaço nesse território tido como essencialmente masculino.

Nessa luta das mulheres para a inserção no esporte, o caso das Olimpíadas modernas tornou-se emblemático. Sabemos que as mulheres eram proibidas de participar dos jogos da idade

antiga. O retorno das Olimpíadas se tornou o maior evento da era moderna, trazendo visibilidade ao esporte e um espelho importante das lutas sociais e discussões sobre um mundo ideal em cada época. Foi aberto para as mulheres que vão estabelecer-se como atletas e ampliar sua atividade como esportistas profissionais em meados do século XX (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008).

Visto assim, pode parecer que a participação das mulheres nesta nova fase das Olimpíadas fora automática. Ledo engano. Não foi fácil nem muito menos automática. Sintomático talvez tenha sido o seu impedimento, pela tentativa de reflexão da ideia à luz do machismo incorporado. O próprio Pierre de Fredy – o barão de Coubertin, idealizador e um dos principais promotores das Olimpíadas – não era favorável à participação das mulheres, conforme se depreende do texto escrito pelo esportista em 1938, citado por Goellner (2005, p. 144), em que ele critica duramente as iniciativas esportivas das mulheres, chamando-as de “imitações imperfeitas”, discorrendo-as como “corrupção do esporte”, apelando para “[...] talvez as mulheres compreenderão logo que essa tentativa não é proveitosa, nem para seu encanto, nem mesmo para sua saúde [...]” ou inferindo que os expectadores “[...] obedecem a preocupações de outra espécie”.

Essa visão descrita nesse parágrafo está amenizada por Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 119), que confirmam a não inclusão das mulheres na primeira edição dos jogos da era moderna, atribuindo, no entanto, a decisão a alguns de seus idealizadores, pautados na ideia de que poderiam vulgarizar o ambiente. Ademais, disseram que Pierre de Coubertin não era um adversário do esporte feminino, mas, sim, preconizava as Olimpíadas modernas semelhantes às antigas (sem a participação das mulheres), embora defendesse a prática esportiva das mulheres em competições separadas, fora da vista do público masculino, mais preocupado com questões culturais do que com questões fisiológicas.

Podemos inferir que tal divisão preconizada tinha, em seu espírito, somada a outras justificativas, as preocupações morais que ainda hoje persistem, quando se fala em ambientes diferentes para homens e para mulheres. Após essa dificuldade inicial, a participação das mulheres nas Olimpíadas modernas se tornará uma parte importante no longo processo emancipação feminina no esporte e na sociedade (MIRAGAYA, 2007).

Com o interesse das mulheres pelo esporte no Brasil, no momento de transição do período eugenista para o higienista, houve uma preocupação em convidar a mulher para a prática de atividades físicas, desde que apresentassem essas condições higiênicas, favorecendo e contribuindo para a função materna de gerar homens fortes (SUGIMOTO, 2003). Assim, a mulher no esporte brasileiro parece ficar entre a vontade, as (contra)indicações médicas, o controle masculino e seus bloqueios, inclusive morais e moralistas, numa confusão de regras adversas e paradoxais, com representação e direitos quase nulos. No caso das Olimpíadas, pode-se observar historicamente que há extensão e incrementos, porém muito lentos e à base de muita luta.

3.2 O FUTEBOL – FENÔMENO DE MASSA E IDENTIDADE NACIONAL – O MASCULINO

Helal, Soares e Lovisolo (2001) descrevem o sentimento generalizado de que o futebol faz parte da própria essência do país e a maior parte dos brasileiros faz questão de mostrar os seus conhecimentos sobre o futebol, esporte que surgiu na Inglaterra, no século XIX. No exterior é comumente reconhecido o binômio Brasil/futebol, ao falar sobre o Brasil ou encontrar brasileiros.

Depois do futebol ter chegado ao Brasil por intermédio da classe burguesa, no fim do século XIX, o futebol, aos poucos, tornou-se popular, ganhou muitos adeptos, despertou o interesse dos políticos e iniciou sua estruturação, inclusive com a construção de grandes arenas (FRANZINI, 2005).

Foram organizadas federações e a seleção nacional, com a qual o Brasil vence a Copa Rio Branco em 1919, liderado em campo por Friedenreich, um de seus primeiros ídolos. Participou das primeiras Copas do Mundo em 1930 e 1934. Já em 1938, alcançou o terceiro lugar, revelando um de seus protagonistas, o craque Leônidas da Silva, o inventor do gol de bicicleta, tornando-se com Friedenreich os “heróis negros” nacionais. O futebol transitou para o esporte profissional entre as décadas de 1930 e 1940, atraindo investimentos (HELAL; COELHO, 2001).

Nessa mesma época, havia uma preocupação efetiva do Estado novo em normatizar os esportes, ponto que, em outro capítulo, retornaremos para analisar o futebol para as mulheres

na mesma época. O Brasil sediou a Copa de 1950 no período pós-guerra, o que lhe conferiu ares de nação em desenvolvimento e, nessa mesma Copa, tornou-se vice-campeão, perdendo na final para o Uruguai e unindo o povo brasileiro na tristeza, no episódio chamado “Maracanaço”. Ganhou a Copa pela primeira vez em 1958, apresentando ao mundo o atleta Pelé, de 17 anos, coroado como o “Rei do Futebol” (que confirmaria essa reverência 30 anos depois, quando foi escolhido o atleta do século), acabando, assim, em pleno solo sueco, com o “complexo de vira-lata” (como escreveu o dramaturgo Nelson Rodrigues sobre os brasileiros) e elegendo definitivamente uma paixão nacional (CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012).

Toledo (2000) pontua a vitória do tricampeonato mundial em 1970, que condecorou o país com a alcunha de País do Futebol, ao mesmo tempo que emprestou prestígio à ditadura militar.

O futebol cria raízes profundas na vida e na cultura do povo brasileiro, forjando boa parte de sua identidade. Toma enorme porção de tudo que é veiculado na mídia, formando inclusive um setor próprio. Acompanha o envolvimento e a paixão de outros povos, porém, à sua maneira, torna-se assunto na família, na escola, nas ruas, no trabalho e nos bares. No Brasil e no mundo, em especial desde a década de 1980, torna-se um dos maiores espetáculos e negócios financeiros do mundo contemporâneo (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001).

Com todo esse desenvolvimento esportivo, cultural e social, na história do futebol no Brasil, quando olhamos e procuramos essa forte identidade do futebol no público feminino, verificamos que, desde o início, a mulher foi evitada ou relegada a segundo plano de várias formas, em sua vontade de tomar parte, tornando-se fácil identificar que nenhum desses pontos elencados da história do futebol brasileiro teve iniciativas nem mesmo reflexo, para tornar essa identidade uma identidade de todos, do futebol tanto masculino quanto feminino.

No século XX, o futebol feminino viveu o avesso dessa identidade nacional fora do campo e principalmente dentro dele, com as mulheres cerceadas, truncadas em sua liberdade, proibidas e atacadas, simplesmente por serem mulheres, quando desejavam, de alguma forma, participar da ode do futebol brasileiro (masculino).

3.3 O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL NO SÉCULO XX

Anteriormente citamos a normatização do esporte pelo Estado novo, que, seguindo preceitos do moralismo da época, acabou legitimando, por meio do discurso biológico, dificuldades e obstáculos para a prática do futebol e outros esportes entre as mulheres (FRANZINI, 2005).

O futebol feminino, que tem seus primeiros registros datados de 1913, surgiu numa sociedade já comandada pelos homens e à luz de seu julgamento. Logo se forçou a obediência a limites estabelecidos, sempre subjugando a termos inexpressivos e desvalorizados, significando de forma negativa e desestimulando a tomar parte. As mulheres eram afastadas das quadras e dos gramados e enquadradas na função de torcedoras, com o papel de enaltecer as virtudes masculinas dos jogadores dentro da composição tradicional da função das famílias (CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012; CHAVEZ, 2007).

Na metade século XX, naquele período em que citamos como o de construção da identidade do País do Futebol, o Estado regulamentava e atribuía significados às formas permitidas e proibidas para a prática do esporte pelas mulheres, reprimindo suas manifestações. Essa luta permaneceu até o patrulhamento moral tornar-se patrulhamento policial, colocando as jogadoras na marginalidade. Um exemplo que parece tocar a muitos pesquisadores, ao estudarem a história do futebol feminino no Brasil, refere-se ao Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941, que proibiu e excluiu as mulheres dessa modalidade, criando um enorme abismo histórico nessa interdição que durou quase 40 anos e aparece como argumento importante em inúmeros artigos para o atraso no futebol brasileiro (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005; CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012)

Mesmo durante esse período de proibição, percebemos, por meio dessas pesquisas, que muitas mulheres continuaram a jogar futebol e formar suas equipes, o que é retratado a fundo em vários trabalhos e artigos.

Sendo assim, a história contada sobre o futebol feminino até meados do século XX descreve a priori a eterna luta para instituir, como direito à prática da modalidade esportiva, a comunidade e organização federativa em detrimento dos aspectos mais esportivos do jogo, técnicos e/ou sociais da participação das meninas. Desse modo, traçamos este paradoxo do país do futebol: de um lado, o futebol masculino, tão arraigado à cultura brasileira, que muitos

estudiosos o consideram como parte da identidade nacional; e de outro, o futebol feminino, proibido por um longo período, que posteriormente iniciava a ocupação de espaços à margem do futebol (SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2015).

Na década de 1980, depois de ter sido revogada a proibição, o futebol feminino recomeçava a sua saga para se desenvolver e estruturar em novas perspectivas, depois da evolução da mulher em sociedade e no esporte; contudo, mesmo contando com esse novo *status* de permissão oficial e seu caminhar ao longo dos anos, ainda existem preconceitos pautados no mesmo julgamento de sua feminilidade e persiste sua desvalorização (ÁVILA, 2015).

3.4 FUTEBOL FEMININO NO ESPÍRITO SANTO: AS MENINAS JOGAM TODOS OS FUTEBÓIS

Apesar de esse tema estar em muitos tópicos do trabalho, devemos registrar que, no estado Espírito Santo, as jogadoras que pretendem atuar em equipes profissionais buscam ser reveladas para oportunidades em outros estados e no exterior. As atletas que permanecem no Estado normalmente participam de mais de uma modalidade de futebol: futebol de campo, futsal, futebol society ou de sete e futebol de areia ou *beach soccer*. Essa situação compõe a soma de auxílios financeiros e ajudas de custo, muitas vezes com bolsas de estudo, para atuar no futsal universitário. Tal situação proporciona-lhes maior tempo de treinamento e, em alguns casos, diariamente, para alcançar maior ritmo de jogo.

Algumas equipes de futebol feminino se adaptaram e disputam competições em mais de uma modalidade. A equipe do Vila Nova é a principal referência e, até outubro de 2018, não perdia para equipes capixabas havia três anos. É o principal representante do Estado nas competições nacionais. Destaca-se no futebol society, futebol de areia e futebol de campo, caminha em sua estruturação, porém ainda distante de representantes de outros estados vencedores em âmbito nacional¹.

As meninas falam de um futebol profissional feminino no Espírito Santo e devemos esclarecer que não há incongruências ou inverdades das atletas ou dos autores nos diferentes sentidos que atribuem ao termo futebol feminino profissional, pois encontramos várias situações em

¹ Site da Federação de Futebol do ES; site da Federação de Futebol de Sete do ES; site da Federação de Futsal do ES: <http://futebolcapixaba.com/>; <https://www.facebook.com/vilanovafutfeminino/>; <http://www.fesfs.com.br>; <http://www.cbf7.com.br/>. Acessados em: 4 dez. 2018.

que se utilizam diferentes definições para o termo: uma é sobre as atletas que se preparam para uma atividade, praticam-na sistematicamente e são aplicadas no cumprimento de seus deveres (nesta situação, temos centenas de atletas no Espírito Santo); no entanto, se utilizarmos como conceito a obrigação das condições formais exigidas, de auferir lucro e tornar a profissão responsável pela subsistência, praticamente não encontraremos profissionais no Estado (FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESPÍRITO SANTO, 2018).

Há um meio termo para as meninas que representam o Estado no futebol feminino de campo em competições nacionais, recebem ajuda de custo temporária e confrontam equipes profissionais de outro Estado: são chamadas profissionais por disputar nesse nível; outras recebem ajuda em forma de bolsa de estudos do futsal universitário e também são chamadas profissionais. O termo semiprofissional também cabe nessa situação.

3.5 FUTEBOL DE MULHERES: GÊNERO E SEXUALIDADE

Scott (1995), em um estudo sobre gênero como categoria de análise, diz que o termo apareceu entre as feministas americanas no século XX, para enfatizar o caráter social das discussões baseadas no sexo, rejeitando o determinismo biológico como fundamentação das diferenças entre homens e mulheres.

Ao tentarmos compreender conceitualmente as questões de gênero e sexualidade que perpassam pelo esporte feminino e, no caso específico, pelo futebol, vimos que, segundo Weeks (1999, *apud* LOURO, 2008), o gênero, condição social por que nos identificamos como homens ou mulheres, e a sexualidade, forma cultural como vivemos nossos desejos e prazeres corporais, tornaram-se algo inextricavelmente vinculado (LOURO, 2008).

O conceito de gênero acompanha as mudanças históricas, e há estudos sobre gênero como categoria de análise das relações sociais de gênero. Scott (1995, p. 86) conceitua gênero como

[...] um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos... o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Louro (2008) diz que o gênero se torna uma marca discriminatória social, assim como as práticas sexuais. As relações de poder subjugam a mulher (e outras categorias). Goellner (2005, p. 148) diz ainda que “[...] os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e estas os definem”.

Swain, citado por Goellner (2005), ressalta que um novo olhar sobre os gêneros, inaugurado por Scott (1995), rompe com a ideia que exista somente um jeito de ser masculino ou de ser feminino, o que tem sido demonstrado através dos tempos, com a mudança das características esperadas, aceitas ou toleradas em seus comportamentos.

Como fazer para manter as mulheres femininas, quando resolvem jogar o mesmo futebol? Goellner (2005, p. 143) salienta:

Mas afinal o que significa a ‘masculinização’ da mulher, num tempo onde as fronteiras de gênero estão borradas? Que argumentos justificam tal temor? Se o esporte é um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades, por que determinadas modalidades, ao invés de serem incentivadas, são consideradas, mesmo no século XXI, como uma ameaça?

Conforme se pode depreender de elementos deste texto, o futebol de mulheres no Brasil e seu desenvolvimento, ou seu lento desenvolvimento, estão intrinsecamente ligados a questões de gênero e sexualidade, que são apresentadas, a todo o momento, ante as questões técnicas e esportivas da modalidade. Um bom exemplo desta permanente e impertinente sabatina veio da jogadora Sissi da Seleção Brasileira, a quem sempre a imprensa perguntou se tinha namorado, e ela respondeu em outra perspectiva, talvez digamos, mais objetiva: “Sexualidade é coisa íntima sobre a qual não tenho de dar satisfação”. É claramente uma reação pública, firme, a que se permitiu uma atleta de ponta, à permanente inquirição que sofre (GOELLNER, 2005, p. 7).

Goellner (2005) aponta que a pouca visibilidade das mulheres no futebol brasileiro decorre da aproximação entre o futebol e a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza, o que reforça discursos direcionados para a privação das mulheres em alguns esportes.

Goellner (2005) revela que mulheres são julgadas quanto a sua feminilidade pela exterioridade de seu corpo. Existiria uma espécie de padrão imaginário nas pessoas que enquadra e analisa cada atleta, atribuindo preceitos, conceitos e avaliação da pertinência e validade dessa presença e performance, como se fosse natural tal inspeção. Ressalta que novamente se trace um paralelo com os homens, aos quais não se questiona o porquê de jogarem futebol, nem mesmo se devem passar por essa espécie de autorização social, em cada caso, com atribuição e delimitação de ações e espaços.

Isso pode identificar pontos em comum que orientam essa inspeção e vigilância da sexualidade das atletas, que se pretende naturalizar, conforme sentença Goellner (2005, p. 4):

[...] a suspeição de que a mulher que habita esse corpo tido como viril vivencia seus desejos, seus amores e seus prazeres a partir de um referente que não aquele considerado como normal sob uma perspectiva binária, como é o da heterossexualidade.

Essa visão binária e dicotômica de “homem e mulher” que, em termos acadêmicos, se apresenta superada, mas que ainda (des)orienta o senso comum, confere a atribuição da visão de traços masculinos em muitas jogadoras, o que desafia a compreensão, como se só existisse uma forma de ser mulher e de ser homem, não permitindo flexibilidade ante a medição dessa feminilidade comparada com os modelos vigentes. As mulheres que cruzam essa fronteira do masculino e feminino culturalmente definido como apropriado parecem cometer a suprema transgressão (GOELLNER, 2005).

Colocamos em pauta a seguinte questão: com o futebol de mulheres em desenvolvimento, essa suposta transgressão não seria positiva para as meninas que batem nessas barreiras psicológicas? (WEEKS, *apud* LOURO, 2008).

Quando as mulheres são identificadas com papéis que não correspondam a seu sexo biológico, são desqualificadas pela sociedade para o exercício da cidadania em todos os sentidos. Além dos ditames do machismo, a associação entre o esporte e a masculinização da mulher atravessa décadas e faz apologia da beleza e da feminilidade, em especial nas modalidades consideradas violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina (GOELLNER, 2005). Dados da tese de Knijnik (2006) revelam que as mulheres que praticam

modalidades dominadas por homens continuam sofrendo preconceitos e discriminações, com práticas envoltas no estigma da homossexualidade (KNIJNIK, 2006).

A reportagem “As belas e as feras” da Revista Placar nos anos 1980: “Aliás, um modelo de ‘feras’ parece ter feito parte do imaginário das próprias jogadoras que se distinguem umas das outras nas entrevistas utilizando os termos ‘nós’ e as ‘masculinizadas’”. A heteronormatividade engessou os conceitos de tal forma, que as meninas, nas entrevistas, pareciam tentar feminilizar-se e procuravam deixar claro que eram mulheres não homossexuais, empurrando o preconceito contra a masculinidade ligada à homossexualidade.

Acrescentemos a essa análise o fato de que a violência simbólica evoca o que é legítimo e aceitável por meio de imposições tácitas. “Esse tipo de violência tem por efeito estabelecer a legitimidade de um discurso, de decisão, de um agente ou uma instituição, entretanto, as relações de força que originam a violência simbólica, são desconhecidas” (TERRAY, 2005, p. 304).

Souza e Knijnik (2007) afirmam que as mulheres atletas são submetidas a situações de constrangimento, mediante insinuações dúbias e piadas estigmatizantes, como se esse espaço esportivo fosse de exclusivo domínio masculino. Essas afirmações se evidenciam com a presença de ditados machistas, tais como: “lugar de mulher é na cozinha” e “futebol é coisa pra macho”. Após entrevistas com atletas, Knijnik (2006), em sua tese, concluiu que o preconceito é aquilo que mais marca a vida esportiva e a carreira destas atletas, interferindo em seu desenvolvimento esportivo, criando situações estressantes e até mesmo afastando as atletas do esporte (KINJNIK, 2006).

Goellner (2005) evidencia bem essas diferenças, pois, apesar do aumento da participação de mulher no esporte brasileiro nas últimas décadas, afirma que não são iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas aos homens, no campo das práticas corporais e esportivas, no esporte de rendimento, lazer e Educação Física escolar. Além das dificuldades elencadas historicamente para a sua prática, as mulheres estão distantes do comando, pois são distintas: a visibilidade conferida pela mídia, os incentivos, apoios, oportunidades e relações de poder, na participação, gestão e administração do futebol.

Concluimos esta revisão e temos, neste recorte, o entendimento do nosso ponto de partida à luz da ciência e de muitos pensadores brasileiros. Estamos cientes de que este não é o final,

por compreender a dinâmica social e, em especial, da efervescência cultural brasileira, acelerada pela nova comunicação digital e virtual e agitada permanentemente pela ausência de um projeto de nação. Estamos conscientes de que permanentes temos apenas as mudanças e de pertinente só a contínua reflexão. Agora vamos fazer um novo giro, dialogando com o que dizem as mulheres que são as verdadeiras titulares e o motivo principal (aqui não seria adequado chamar de objeto) desta pesquisa, deste olhar e deste tempo.

4 METODOLOGIA

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Para atingirmos os objetivos, realizamos uma pesquisa qualitativa. A escolha da pesquisa qualitativa foi feita apoiada no fato de que esses tipos de pesquisa “[...] objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social” (GOLDENBERG, 2004, p. 49).

Goldenberg (2004) diz, ainda, que a preocupação da pesquisa qualitativa com um grupo social, organização, instituição ou trajetória tem seu valor em permitir o estudo de questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais, todos esses termos bem adequados a este tipo de trabalho, de cunho sociológico, dentro da Educação Física e dos esportes.

“Enfim, como falar do que as pessoas vivenciam?” (NEGREIROS et al., 1998, p. 11). Neste trabalho, tentaremos obter as respostas por meio de entrevistas semiestruturadas, ao ouvirmos um grupo de atletas e treinadoras de futebol sobre suas experiências relacionadas ao tema. Após a transcrição das entrevistas, realizaremos análise em diálogo e discussão com a revisão de literatura. Segundo Boni e Quaresma (2005, p. 75),

As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha ‘fugido’ ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

A utilização da entrevista semiestruturada como ferramenta e a elaboração de seu roteiro foram feitas em consonância com as regras da metodologia da pesquisa qualitativa, cujas escolhas são muito importantes neste processo, conforme orienta Goldenberg (2004, p. 49):

O pesquisador deve tornar essas operações claras para aqueles que não participaram da pesquisa, através de uma descrição explícita e sistemática de todos os passos do processo, desde a seleção e definição dos problemas até os resultados finais pelos quais as conclusões foram alcançadas e fundamentadas.

Para ouvirmos as jogadoras e treinadoras capixabas escolhidas, aplicamos entrevistas semiestruturadas com base no roteiro do anexo B. As entrevistas semiestruturadas são um instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos, como as emoções; permitem maior profundidade; estabelecem uma relação de confiança e amizade entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados. Como desvantagens, exigem mais tempo, atenção e disponibilidade do pesquisador: a relação é construída num longo período, uma pessoa de cada vez, e é mais difícil comparar as respostas; o pesquisador fica na dependência do pesquisado: se quer ou não falar, que tipo de informação deseja dar e o que quer ocultar (GOLDENBERG, 2004, p. 85-89).

Lakatos e Marconi (1996, p. 199) enumera alguns pontos que, neste caso, foram observados para a preparação da entrevista. As entrevistas foram planejadas alinhando os objetivos com a escolha de entrevistados que viveram intensamente o tema da pesquisa. O entrevistador combinou, com antecedência, data, horário e local, para se deslocar até os entrevistados. Apesar das condições favoráveis e da garantia de sigilo quanto ao segredo e identidades das entrevistadas, há preocupação do entrevistador quanto ao tabu, pelo menos no trato do senso comum, do tema sexualidade, o que poderá mutilar ou até inviabilizar a pesquisa. Todas as entrevistadas receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do (ANEXO A).

As entrevistas foram transcritas para posterior análise. Utilizamos a ferramenta metodológica, Análise de Conteúdo, que segundo Moraes (1999) se justifica pois tem como sua matéria prima (entre outras possíveis) as entrevistas realizadas, pode focalizar diferentes objetivos, a partir de um conjunto de passos, entre eles a categorização, que será utilizada.

4.2 SUJEITOS DA PESQUISA

O critério de escolha das atletas e treinadoras foi permeado por um conhecimento anterior entre o entrevistador e as entrevistadas. O fato de o pesquisador conhecer as pessoas facilitou o acesso, contando, para isso, os 20 anos de atividades no futebol feminino capixaba, em

várias funções, como treinador e dirigente de equipes e seleções; coordenador de federações e organizador de campeonatos. Nos enquadrados na observação de Goldemberg (2004, p. 19): “Os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduos e deles próprios, são sujeito e objeto de suas pesquisas”. Compreendemos, aqui subjetivamente que este conhecimento das atletas e treinadoras, também teve impacto nas negativas, apresentadas de forma sutil e cordial, talvez por este reconhecimento prévio.

Esse período oportunizou o contato e a observação das pessoas e do ambiente por vários ângulos, de forma despreziosa, mas com envolvimento nas atividades das atletas e até mesmo de sua vida cotidiana, gerando relações amistosas e, por vezes, de rivalidades esportivas, sabendo e participando de suas conquistas e suas angústias, gerando alguma intersubjetividade e permitindo, de certa forma, entender vários de seus sinais, como ressalta Goldenberg “[...] os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2004, p. 53).

Por outro lado, essas facilidades devem trazer consigo a permanente reflexão para que não se tornem motivos ou deem margem “[...] para modelar os dados que coleta, que, portanto, não podem ser usados como evidência científica [...]” (GOLDENBERG, 2004, p. 41), com desvio do objeto, pelo viés da parcialidade e preconceitos do próprio pesquisador, desvirtuando a pesquisa.

Para as escolhas das atletas e treinadoras a entrevistar, definimos os seguintes critérios: atletas que atuaram ou ainda atuam em equipes competitivas, considerando que no Espírito Santo, praticamente não temos atletas ou competições profissionais. Secundariamente as atletas teriam que ter resultados expressivos nas competições que disputaram, como participação títulos em campeonatos oficiais estaduais, e participação em campeonatos nacionais ou internacionais, representando o Espírito Santo, sendo admitidos aí futsal escolar e universitário. Reforçamos o entendimento de que, na pesquisa qualitativa, o número de entrevistados e dados colhidos tem menor relevância (GOLDENBERG, 2004). A definição do número de entrevistadas pretende possibilitar o registro de opiniões e vivências, ou mesmo tentar perceber sua ocultação, representativas dos objetivos propostos e de vários de seus critérios.

Foi definido o número de oito mulheres a serem entrevistadas, o que não foi alcançado, visto o número alto de negativas a dar as entrevistas. Em alguns casos tivemos que perceber que a seguida protelação por parte de atletas e treinadores (solicitados a intermediar o contato com as atletas) significava um desconforto e uma negativa, por vezes sutil, em conceder as entrevistas. Enquadro a necessidade de notar esta sutileza nos princípios da pesquisa qualitativa de decodificar sentimentos, no caso sentimentos estes, antes de agendadas as entrevistas porém provavelmente ligadas ao tema. Empiricamente, afirmo que pode haver um desconforto em registrar opiniões sobre sexualidade a serem contestadas socialmente. Ninguém é obrigado a levantar bandeiras. Em alguns casos não tocar no assunto é a forma de se defender e ir em frente. Mas acredito que haja desconhecimento. Algumas atletas ficaram interessadas, mas a entrevista não foi viabilizada, por questão de agenda, e poderão ser convidadas a dar continuidade no tema em outros formatos de abordagens. A sutileza que citei, pode, além da educação dos solicitados ser atribuída ao relacionamento esportivo entre este entrevistador e atletas e treinadoras e treinadores, em especial as mais velhas. Nossa sensibilidade nos diz, que para as mais novas, no sentido do impacto do tema, deve haver uma contextualização para gerar confiança entre as partes, o que demanda mais tempo e também é previsto na metodologia.

A partir do tempo empenhado para agendar as entrevistas que receberam negativas, devemos considerar também o tempo disponível restante para a conclusão do trabalho e as possibilidades das entrevistadas para a realização das entrevistas e demais itens da pesquisa acadêmica. Consideramos que o número alcançado de cinco entrevistadas, será suficiente para os objetivos do trabalho. Não existe aqui, no entanto, nenhuma ligação desse número a qualquer item de uma pesquisa quantitativa, apenas o desejo de obter mais de um registro, mais de uma vivência, para termos um ponto de partida, definido de forma subjetiva, para dialogar (GOLDENBERG, 2004), conforme se observa no quadro a seguir.

Quadro 1 – Perfis dos informantes²

Nome	Idade	Atividade	Período de atuação	Equipes principais	Profissão atual
Amanda	32	Jogadora	2002 até hoje	Finac	Administradora
Daniela	32	Jogadora	1998 até hoje	Seleção Capixaba	Prof. futevôlei
Janaína	37	Treinadora	1990 a 2002	Univila	Professora EF
Maria	23	Árbitra	2008 até hoje	Seleção Ufes	Professora EF

² Esclarecemos que, para não haver a identificação dos entrevistados, adotamos nomes fictícios.

Raíssa	22	Jogadora	2008 até hoje	M. Moderno	Professora EF
--------	----	----------	---------------	------------	---------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Concluída a revisão de literatura, realizamos as entrevistas pautadas no roteiro que compreendia perguntas sobre as características das atletas entrevistadas, sua entrada no futebol, passagens, vivências, carreira e seus desafios, sempre solicitando opiniões acerca da relação do futebol com as questões de gênero e sexualidade, e, finalmente, suas proposições para o desenvolvimento do futebol feminino ou futebol de mulheres.

Fizemos a transcrição, leitura e releitura e procuramos encontrar as falas convergentes e divergentes entre si e com a literatura pesquisada. Selecionamos os trechos aos quais as jogadoras entrevistadas conferem maior relevância, transmitem suas preocupações e emoções. Goldenberg (2004) diz que a preocupação da pesquisa qualitativa com um grupo social ou trajetória tem seu valor em permitir o estudo de questões difíceis de quantificar, como sentimentos, motivações, crenças e atitudes individuais.

Goldenberg (2004) diz, ainda, que o pesquisador deve deixar claras para quem não participou da pesquisa a descrição sistemática do processo, a definição dos problemas e as conclusões alcançadas e fundamentadas. No início apresentamos as jogadoras que concederam as entrevistas, com suas características sociais e esportivas.

Elaboramos, a partir da metodologia da análise de conteúdo, cinco categorias para discussão: a primeira sobre sua apresentação e seus perfis, que já vão ter perguntas e respostas sobre seu acesso ao futebol, desde os primeiros chutes na bola até a entrada nas equipes em que começaram a jogar de forma competitiva, nesta também consideraremos as não entrevistadas ou as tentativas de agendar entrevistas com outras atletas e suas possíveis motivações; na segunda, pedimos que contassem sobre suas trajetórias, dificuldades e obstáculos para a permanência no futebol; depois que soubemos de suas trajetórias, chegamos à terceira, na qual buscamos suas percepções, vivências e posicionamento sobre gênero e sexualidade no âmbito do futebol de mulheres; na quarta, pedimos que falassem sobre o que o futebol representa para elas (chamamos esse ponto de “elas por elas”); a quinta é uma forma de aproveitar suas vivências e respostas, como proposições para o futebol entre as mulheres, presente e futuro.

5 DISCUSSÃO

5.1 APRESENTAÇÃO DO PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Amanda tem 32 anos e quanto a gênero se declara homossexual-cis e explicou: “Eu sou lésbica-cis e no caso eu gosto de mulheres e eu quero ser mulher e não tenho desejo de ser homem” (AMANDA, 2018). De cor branca, nasceu em Vitória e seu núcleo familiar original é composto de pai, mãe e um irmão. Atualmente sua família a compreende com sua parceira. Formou-se em Administração de empresas na Ufes e fez pós-graduação em Gestão de Vendas. Não tem religião. Atualmente joga na equipe amadora de seu bairro Carapebus.

Daniela tem 32 anos, do gênero feminino e de cor parda, “ao menos na certidão”, como disse. Nasceu em Aracruz. Mora em Vila Velha e tem curso superior em Educação Física, com pós-graduação na área escolar. Trabalha como *personal trainer* e com futevôlei. Não está atuando em escolas. Frequentava a Igreja Católica, mas hoje não frequenta nenhuma. Sua família é composta de pai, mãe e nove irmãos, mas não mora mais com eles.

Janaína tem 37 anos, identifica-se como gênero feminino, branca, de família de Vitória, formada por pai, mãe, um irmão e com a presença dos avós; mora atualmente em São Mateus com sua companheira, que é sua família atual. Não tem religião. Formou-se em Educação Física na Ufes e posteriormente em Direito. Hoje trabalha como advogada e professora de Educação Física, com treinamento funcional/circuito.

Maria tem 25 anos e, ao ser perguntada sobre seu gênero, respondeu que é homossexual. É branca, nasceu em Colatina, no norte do Estado, é cristã e foi para Vitória estudar, onde se formou em Educação Física. Concluiu uma pós-graduação. Sua família é constituída de pai, mãe e irmão, porém seus pais são separados. Trabalha com Educação Física (treinamento, academia e personal) e tornou-se árbitra de futebol profissional, tendo ascendido ao quadro da CBF em 2018.

Raíssa tem 22 anos e, ao ser perguntada sobre seu gênero, afirmou que é “mulher, feminina”. Disse ser de cor parda. Mora em Cariacica com sua família, que é composta de pai e mãe; tem outro irmão por parte de pai, que mora no interior do Estado. Está aprovada no concurso para professora da rede municipal de Cariacica e vai tomar posse durante a conclusão deste trabalho. Atua ainda em escolinha de futebol.

As entrevistadas revelaram já, por meio das características e primeiras falas, posicionamentos implicados com a temática do trabalho. Suas informações permitiram traçar perfis das atletas entrevistadas, com características homogêneas e heterogêneas. Procuramos ver, nas suas histórias, posições que servem a outros subgrupos ou até mesmo para o todo o futebol de mulheres, com o objetivo, conforme diz Goldenberg (2004), de compreender profundamente certos fenômenos, apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social.

As famílias de todas as entrevistadas têm o futebol como assunto e cultura em suas casas, e dessa cultura elas também se apropriam. Tiveram seus primeiros contatos com o futebol no cotidiano de suas famílias. De suas lembranças mais distantes do futebol, Amanda assim conta: “Acho que eu me lembro de eu ser é bem nova indo ver meu pai jogar bola, meu pai era goleiro e foi antes da copa do mundo de 94 e eu já me arriscava também de chutar uma bola e alguma coisa assim” (AMANDA, 2018). Já Maria disse: “[...] tenho um irmão dois anos mais velho e flamenguista desde criança, ele é minha referência, minha primeira referência” (MARIA, 2018). Daniela disse: “[...] quando eu brincava na rua com os meninos, com meus vizinhos com os coleguinhas, tinha os nove irmãos” (DANIELA, 2018). E nas palavras de Raíssa: “Olha, o meu pai é acho que assim, os meus primos, eu brincava muito com os meus primos, eles moram do lado da minha casa e eu brincava na rua com eles e meu pai sempre gostou de futebol e brincava comigo também de futebol em casa” (RAÍSSA, 2018).

Ser torcedor, como disse Maria sobre seu irmão e sobre si mesma (ela também se tornou flamenguista), é uma demonstração dessa cultura de futebol. Janaína disse: “A lembrança mais distante que eu tenho, era criança e eu estava na Kombi escolar indo pra escola, e um menino perguntou qual era o time que eu torcia. A primeira lembrança que eu tenho do futebol [...]” e complementou: “[...] quando eu fui questionada, nem time eu tinha, eu nem tinha pensado sobre isso, era bem pequena mesmo” (JANAÍNA, 2018). Provocada a falar sobre sua família e a torcida pelo futebol, ela disse que a família de sua mãe é vascaína, mas o pai era tricolor. Neste caso, prevaleceu a bandeira do lado maternal. Janaína jogava com os primos e disse: “Os primos são os primeiros homens que deixam as meninas jogar” (JANAÍNA, 2018).

D'Ávila e Souza Júnior (2009) dizem que as meninas, em geral, começam a jogar futebol nas ruas, praias e clubes, e não nas escolas. Para três dessas atletas entrevistadas, não há uma fase pré-desportiva, ensinada de forma didática, e elas passaram das brincadeiras de bola direto para as equipes competitivas das escolas. Janaína e Raíssa jogaram em escolinhas de futebol, antes de irem para equipes escolares de competição. As outras iniciaram em competições no ensino fundamental ou médio, sem um padrão. Maria foi uma exceção e só vai jogar na faculdade.

Quando perguntadas como se declaram quanto a gênero, posicionaram-se como mulheres e femininas; algumas estenderam e complementaram essa identidade de gênero, apontando sua orientação sexual, como sinônimo ou categoria de gênero: Maria disse ser homossexual; Amanda afirmou sua cisgeneridade³.

Das três que disseram simplesmente “mulher”, duas informaram sobre suas companheiras, que formam suas famílias atuais. Todas nasceram e cresceram em famílias com pai, mãe e irmãos. Na fase adulta, somente uma permanece morando com os pais e tem namorada.

Nos dados pessoais, chama-nos a atenção que quatro de cinco atletas afirmaram não ter religião. Daniela disse que era católica, mas não frequenta mais nenhuma Igreja. Maria disse que é cristã, mas critica alguns dogmas religiosos. Esse fato não se abstrai como coincidência, mesmo considerada a pequena amostragem. Não fomos a fundo, mas, num país com apenas 8% de não religiosos (IBGE, 2010), chama-nos a atenção nosso índice de 80%. As atletas reafirmam a sua fé, porém sem que pratiquem uma das religiões. Qual seria o motivo? Uma das atletas, indica que o binarismo com papéis sexuais pré-determinados na maioria das religiões não a representa. Outra relembra a orientação de obediência das mulheres aos seus maridos o que veremos daqui em diante que não encaixa na autonomia e empoderamento feminino que elas buscam, pois orientam sua filosofia pela busca de igualdade entre os gêneros, não só no futebol.

Quatro delas escolheram entrar na graduação em Educação Física, que cursaram na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em períodos diferentes, com pequenas intersecções. Na universidade, no currículo da licenciatura, tiveram a oportunidade de refletir sobre a própria atuação no futebol, por essa lente de gênero, tratado como tema transversal

³ Cisgeneridade é uma categoria que abarca a identidade de gênero das pessoas cisgêneras (ou simplesmente cis), ou seja, das pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem (JESUS, 2012).

por algumas disciplinas, o que parece revelar-se nas entrevistas, em que as perguntas têm ênfase em suas vivências práticas, cujas respostas são estruturadas e balizadas na teoria científica e com visão social geral e social, e não só sobre si mesmas. Como exemplos, anotamos que Daniela escreveu sobre a formação de ídolos no futebol feminino. Janaína teve embates sobre a questão de gênero no futebol em Congresso de Esporte e Sociedade. Raíssa relatou sua posição pedagógica/educacional sobre as brincadeiras de bola e de boneca.

Neste sentido, este número de atletas que optam pela Educação Física, influenciadas entre outras questões, pelo apreço ao futebol, aliado a depoimentos que serão apresentados no texto, podem indicar uma mudança no futebol de mulheres, com atletas buscando o conhecimento científico para continuar no âmbito de forma profissional, mesmo que não como jogadoras e em consequência a formação de novas professoras, treinadoras, líderes de um processo de emancipação do futebol de mulheres, com maior conhecimento agregado.

5.2 ACESSO AO FUTEBOL PARA AS MULHERES

A segunda categoria que destacamos é a do acesso. Entre nossas jogadoras, a iniciação aconteceu de forma lúdica, com o apoio das próprias famílias, imediato ou mediato e próximas de casa.

Agora vamos tratar do acesso das jogadoras entrevistadas ao futebol competitivo. Começamos com a transição das brincadeiras para as equipes competitivas e a visão de suas famílias.

Quanto ao apoio da família para jogar, três delas tiveram o apoio imediato e irrestrito e com estímulo para o esporte, enquanto as outras duas conseguiram apoio um pouco mais tardio: Daniela se destacava nas competições escolares, mas no início ouvia a preocupação dos pais. Ela relatou:

No início é sempre aquela coisa que futebol é coisa pra homem, sempre havia aquela discriminação, aquele preconceito, mas a partir do momento que eles viram que eu realmente me destacava, passaram a me apoiar, meu pai ia até em alguns jogos [...] Eu passei a ser do preconceito a um orgulho pra família (DANIELA, 2018).

Já Amanda conta sobre o apoio de sua família:

[...] eles me deram suporte e deixaram eu continuar fazendo, mas nunca tipo [...] Eles nunca foram de chegar e falar ‘vamos pegar isso e vamos transformar numa coisa maior’, nunca foi esse tipo de incentivo e simplesmente foi ‘oh, tá fazendo, continua fazendo, quer fazer, então continua fazendo’, até o momento que eles viram que tinha muita sapatão no meio do futebol, e aí eles começaram a se preocupar mais comigo (AMANDA, 2018).

Knijnik (2006) mostra que muitas mulheres que praticam modalidades dominadas por homens continuam sofrendo com práticas envoltas no estigma da homossexualidade, inclusive em suas famílias. Enquanto Daniela superou essa preocupação inicial, Amanda pôs em xeque o apoio de sua família, pela preocupação com a questão da orientação sexual no grupo em que jogava.

O apoio familiar que essas atletas entrevistadas receberam constituía uma exceção no meio do futebol feminino, conforme foi caracterizado ao longo das entrevistas e das considerações da revisão de literatura. O apoio das famílias influencia na segurança emocional, performance esportiva e resiliência ante os desafios? Por oposição, considerando a importância desse apoio, quantas meninas não tiveram permissão para continuar na mesma época?

Raíssa (2018), hoje professora, apresentou sua pedagogia para a família, educação e infância:

[...] as coisas começam assim bem das primeiras brincadeiras que você tem em casa e da escola, porque tem poucas meninas jogando futebol, porque menina, quando nasce e cresce um pouquinho, ganha uma boneca, ganha um fogãozinho e vai pro balé e não brinca de futebol; então, às vezes, as meninas não têm nem oportunidade de saber se gostam ou não de futebol, porque não tem a vivência desde criança. Então, eu acho que é isso: quebrar um pouco esse preconceito de que menina só pode brincar de boneca e deixar as meninas serem mais livres, em relação às brincadeiras, pra elas descobrirem se elas gostam ou não de futebol.

Raíssa (2018) complementa:

É, e continuar isso na educação física, pra mim tinha que acabar, de separar menino e menina, porque, se, desde pequeno, você já faz as aulas junto, eles já se acostumam e não veem diferença assim de... porque eu sou menina, eu não posso jogar com menino.

Quatro das jogadoras entrevistadas iniciaram no nível competitivo escolar, duas das quais, Daniela e Raíssa, desde o ensino fundamental. Furlan e Santos (2008) dizem que o futebol

entre mulheres é escasso nas escolas e reproduz uma abordagem pedagógica ainda sexista e segregadora, quando não excludente. A escola de Raíssa era diferente: “É, e aí quando eu fui pro fundamental II e eu mudei de escola e lá tinha escolinha de futsal pra meninas, e já tinha o time, só que assim, naquela época você primeiro começava na escolinha e depois você ia pro time e aí eu comecei a participar da escolinha de futsal”.

Na escola de Daniela, havia respeito com a equipe feminina:

Assim, eles apoiavam muito, até porque em jogos escolares aquilo era um status. Ganhar um futebol, porque a gente ganhava tudo, ganhar o futebol e volta e meia jogava o handebol, era mais uma coisa pra prestígio da escola. Então, isso era importante, eles valorizavam muito. (DANIELA, 2018).

Janaína passou a competir no ensino médio. Sua escola do fundamental não tinha futebol. “No Centro Federal Tecnológico (Cefetes – atual Ifes), tinha a equipe na verdade, que eu participava da equipe da escola”. Nas escolas de ensino fundamental de Maria e Amanda, não havia equipes femininas de futebol. E jogavam apenas de brincadeira.

Daniela afirmou: “O desafio é desde criança eu sempre tive um sonho de querer de repente jogar e as pessoas também me criticavam que eu tinha capacidade de tá em uma seleção. A dificuldade era questão de oportunidade”. Mesmo que o futebol masculino também seja um funil apertado para os que sonham jogar profissionalmente, vemos uma diferença marcante para os sonhos de Daniela e de tantas outras meninas, porque para o feminino há um número ínfimo de oportunidades profissionais.

Após esses relatos sobre seu início, pedimos que dessem sua opinião acerca das diferenças que veem nas possibilidades de acesso das mulheres ao futebol, desde a década de 1980 até os dias atuais. As mais novas trouxeram histórias das veteranas. As veteranas capixabas observam o futebol atual. Algumas das entrevistadas começaram na década de 1990 e conviveram com as que já jogavam desde os anos 1980.

Quando as jogadoras, mais novas ou mais experientes, compararam as duas épocas, foram uníssonas em afirmar que hoje o que é difícil era/devia ser muito pior naquela época. Daniela (2018) disse que hoje é mais comum ver meninas jogando e levar para a questão do acesso e competições: “Hoje não, você vê que a menina que se destaca no futebol vai, vai tendo mais

campeonatos. Hoje é mais comum. Está tendo mais direto o *beach soccer*, os campeonatos estaduais. Coisa que a gente não tinha antes”.

Diferentemente, Raíssa (2018) disse: “Eu imagino que tenha diferença sim, porque, se antes era proibido e não tinha ninguém, e a partir do momento que foi permitido, deve ter começado bem aos poucos e aí o preconceito devia ser muito maior e acredito que tenha avançado em relação a isso”.

Maria (2018) assim relatou:

Tem muita diferença. Hoje em dia, apesar de ainda ser muito difícil a inclusão da mulher no futebol e nos outros esportes também, existe a possibilidade de clubes profissionais, as pessoas têm mais acesso, de vez em quando passa na televisão... naquela época não tinha nada.

Enumeramos as diferenças positivas: hoje, algumas poucas escolas têm políticas para o esporte entre as mulheres e o futebol de mulheres, em geral ligadas às equipes para as competições escolares; algumas escolinhas aceitam meninas entre os meninos; algumas têm quórum totalmente feminino; há maior número de equipes e de campeonatos; a seleção brasileira feminina que passa na TV, em competições como Olimpíadas e Copa do Mundo, quando se identificam ídolos femininos e informam que muitas brasileiras jogam profissionalmente no exterior. A repetição do termo “algumas” é proposital, pois ainda se trata de poucas iniciativas em cada ponto e mínimas se comparadas com a estrutura do masculino no futebol.

À vista disso, a fala de Goellner (2005) afirma que, apesar do aumento da participação nas últimas décadas, não são iguais as condições de acesso e participação das mulheres, se comparadas às dos homens, pois isso ainda se aplica em 2018.

Há avanços e existe a percepção de um abrandamento do preconceito, ainda longe de estar resolvido, mas com maior permissão social e abertura para a vontade de jogar ou vivenciar o futebol.

Daniela (2018) apresentou essa evolução em sua fala:

Tanto que você vê tantas meninas da minha época que pararam e nunca mais jogaram, nunca mais fizeram algo em relação ao futebol. Ficaram mais aquelas que gostam, tem amor. Hoje não, você vê que a menina que se destaca no futebol vai, vai tendo mais campeonatos. Hoje é mais comum. Está tendo mais direto o *beach soccer*, os campeonatos estaduais. Hoje é até engraçado, porque eu já dei aula em projeto que os pais levam as filhas lá e querem investir na filha, maneiro.

5.3 TRAJETÓRIAS E DESAFIOS PARA PERMANECER NO FUTEBOL

A terceira categoria trata de suas trajetórias, sua permanência no futebol feminino ou futebol entre as mulheres e seus desafios para continuar jogando e seguir em suas carreiras. Perguntamos sobre os momentos ruins para realizar uma problematização. Começaram narrando situações organizacionais. Daniela (2018) disse:

Acho que foi época ruim, quando acabaram os campeonatos, que era calendário, tipo banco popular. Que campeonato *top* que tinha. Primeira e segunda divisão do *beach soccer*. Quando acabou, foi bem triste pra gente que gosta.

Como disse Daniela, há alguns períodos em que faltam competições, ou as poucas que acontecem são muito desorganizadas. As atletas ficam sem poder jogar e muito frustradas por isso. A falta de estrutura leva a crítica aos organizadores e às políticas para o futebol entre as mulheres, como destacou Janaína (2018) em uma visão mais geral e abstrata:

Ruim é você ter realmente muita vontade de fazer acontecer e brigar, por isso e às vezes se frustrar porque você não consegue fazer por mais vontade que você tenha. Então, o ruim que frustra a gente é isso, ver que as meninas têm muito mais vontade do que os próprios caras [que] têm toda uma estrutura.

Da Silva (2012) reúne argumentos que comprovam que, no futebol feminino, ainda há pouca infraestrutura e apoio financeiro, sendo mais difícil formar uma equipe. Já Almeida (2018) diz que o Brasil ainda tem pouca estrutura para o futebol, porém poderá sentir os impactos das determinações de FIFA E CONMEBOL, aos clubes para ações que promovam a igualdade de gênero.

Daniela (2018) relembra as dificuldades: “Isso aí sempre foi um esporte que eu joguei por amor. Que às vezes a gente tinha que gastar com passagem, a gente que é estudante sabe que isso é complicado. Não trabalhávamos, só estudávamos, já tinha um dinheiro certo pra ir pra

escola ou pra faculdade, no caso aqui”. Almeida (2018) demonstra casos em que os clubes dão prioridade a jogadoras de classe média, devido a maior condição financeira para arcarem com os custos e se manterem no futebol.

As jogadoras falaram acerca do futebol feminino profissional no Espírito Santo. Janaína (2018) relatou:

É uma resistência – Se hoje existe alguma coisa, é porque as meninas querem muito, porque apoio não existe desde sempre, infraestrutura não existe desde sempre, acontece por paixão, tem pessoas que são apaixonadas, montam um time, treinam, que correm atrás de um dinheirinho aqui e outro ali com o uniforme e jogar porque querem muito.

Daniela (2018) alertou que o futebol masculino no Estado também está empobrecido e desorganizado. Maria (2018) praticamente resume o futebol feminino no Estado na equipe do Vila Nova: “Aqui no Estado são elas. Se for olhar, os outros times também não têm oportunidade, desde técnico, incentivo a verba, a jogador, a responsabilidade de atleta”.

Daniela (2018) quase foi profissional de futebol, porém, quando o convite finalmente chegou, estava empregada e financeiramente melhor do que lhe foi oferecido, não havendo possibilidade de aventurar-se:

Eu cheguei uma vez a ter essa oportunidade, eu joguei no estadual, o cara me perguntou se eu queria jogar profissionalmente lá. Eu perguntei a questão de salário. Eu já trabalhava em escola, eu tinha meu salário. Ele perguntou: ‘Mas quanto você ganha?’ Eu falei: ‘Ganho X, mas aí não dá’. Então, ele queria me chamar pra jogar profissionalmente pra ganhar menos.

Os relatos acompanham a visão de Dos Santos (2016) de que as mulheres vencem barreiras para exercitar sua vontade em quadra e lutam para aumentar seu respeito, mesmo com todos os impedimentos citados, como estrutura, espaços para treinos, materiais, obstáculos familiares e culturais, como vem acontecendo no futebol feminino no Espírito Santo.

Janaína (2018) apresentou um relato extenso e disse:

Todos os desafios possíveis. Primeiro, pra você seguir uma carreira de atleta, você precisa ter apoio da família. Qualquer modalidade de esporte que você quiser ir pro lado profissional, você tem que se preparar desde criança. As meninas no futebol feminino não têm, já começa daí a primeira barreira.

Depois, quer jogar, mas não tem clube pra jogar, não tem time, não tem estrutura, não tem campeonato pra disputar. Já é a segunda barreira. Quando consegue um time, um campeonato pra disputar, tem que pagar pra treinar, desdobrar, porque muitos não têm condições de parar de trabalhar, então tem que trabalhar o dia inteiro e ainda treinar em horários alternativos à noite. O time da Univila trabalhava o dia inteiro e ia pra aula da faculdade; depois da aula da faculdade, ia treinar pra poder disputar o campeonato. E realmente a questão do preconceito que gera não ter apoio, se tivesse estrutura que os homens têm hoje seria completamente diferente. Não dão a mesma infraestrutura para as meninas, a maioria delas jogam por amor.

Janaína faz a ligação de preconceito e oportunidades/estrutura, numa relação de causa e consequência. Dividimos as falas nas questões estruturais, nos fatos geradores de tipos de agressividade e violência e nas questões de gênero e de sexualidade, que detalharemos em ponto específico, mas, neste ponto, começamos a compreender que esta é a que origina as demais, concordando com Janaína.

Terray (2005) chamaria a isso violência simbólica, que evoca o que é legítimo e aceitável por meio de imposições tácitas, como é o caso dos olhares de estranhamento, dirigidos às mulheres que jogam, os quais se transformam em agressões verbais nas arquibancadas e alambrados dos campos. Porém, não ocorre em todas as competições. Janaína informou que, nos torneios escolares, é menos comum. Maria (2018) chamou a atenção de que, em alguns campeonatos, o público é composto de amigos e familiares das jogadoras e também não há esse tipo de agressão e comentou:

Os jogos que eu presenciei sempre deu muita família, filho, namorado, namorada, mãe. Talvez no jogo de futebol feminino vai muito mais a família das jogadoras, do que comparado ao futebol masculino. Talvez as meninas já têm tanta dificuldade de tudo e as pessoas que gostam realmente delas estão ali pra apoiar, pra incentivar.

Pode-se deduzir que essa forma de violência explicitada aumenta nos jogos entre equipes adultas, em que o público é menos identificado com as atletas.

Verificamos que o controle de gênero e vigilância da sexualidade são fortes e incutidos em pessoas, desde as famílias, conforme já citaram todas as atletas, até as pessoas que não são ligadas ao futebol ou às atletas. Esse controle apresenta uma graduação para as punições, desde os avisos de que não fica bem a mulher jogar até seu grau mais alto, em situações de violência física. As mulheres que cruzam essa fronteira do masculino e feminino

culturalmente definido como apropriado parecem cometer a suprema transgressão (GOELLNER, 2004).

Esse entendimento acomete famílias que, diferentemente daquelas que acolhem as atletas, vão aos jogos e apoiam suas equipes, disparam outro tipo de violência que acontece longe dos campos e, após os jogos, advêm da vigilância sobre a identidade de gênero e sexualidade, que levam a situações extremamente traumáticas, incluindo agressões físicas.

Knijnik (2003, p. 16), em sua tese, conclui que “[...] o preconceito é aquilo que mais marca a vida esportiva e a carreira destas atletas, interferindo em seu desenvolvimento esportivo, criando situações estressantes e até mesmo afastando as atletas do esporte”.

Janaína (2018) descreveu o problema:

Ah, cara, a gente sempre teve problema com as famílias de atletas. Então, era normal perseguição de mãe com atletas, por causa da questão da sexualidade, que era ligado ao futebol. Tinha muito de mães que ficavam perseguindo a gente pra saber o que estava fazendo, se tava com quem, já vi pai batendo em atleta, esmurrando, você vai lá segurar o cara, salvar a pessoa, tirar do lugar. Muitas situações de violência extrema mesmo, perseguições, que extrapola a questão do esporte. E era pela questão da sexualidade em si, não era pela questão esportiva, não era porque estava jogando futebol.

As mulheres eram proibidas de participar das Olimpíadas antigas, regra justificada de forma biológica e moralista, e não obedecer a essa lei era uma transgressão, punida com pena de morte (CHIÉS, 2006). Muitas mulheres, neste século XXI, continuam sendo proibidas, não mais por lei aqui no Brasil, mas por suas famílias, ancoradas em discurso moralista. Tantas são as histórias de violência, que tememos de que voltem a ser punidas nestes tempos e ilegalmente com a morte.

No caso das falas que indicam a maior presença de mulheres homossexuais no futebol, questionamos: será que esta percepção da quantidade não tem a ver com o filtro de acesso, que identifica o futebol como esporte masculino?

Para falarmos da permanência, devemos também falar da não permanência, ou abandono. Há jogadoras em que a descontinuidade se pauta na falta de condições estruturais ou pessoais,

ligadas a custos financeiros e poucas oportunidades, que levam a se deslocar de grandes distâncias ou acabam concorrendo com os estudos ou o trabalho. Raíssa (2018) apresentou seus motivos:

[...] às vezes a gente tinha que viajar e passar final de semana fora [...] e custear tudo, porque a gente não tinha apoio de ninguém e aí tem que pagar a inscrição, transporte, alimentação. [...] Não tem retorno, aí chega lá e é tudo bagunçado, e aí tem briga e tem confusão, e aí não vale a pena.

Ademais, há o abandono ligado aos vários tipos de violência, dissecados no ponto anterior, e à discriminação de gênero e de cunho sexual, provocadas, vivenciadas e sentidas de modo interligado e em alguns casos conjuntamente. Esta categoria será tratada no próximo ponto.

5.4 FUTEBOL DE MULHERES, GÊNERO E SEXUALIDADE

A quarta categoria chega às questões de gênero e sexualidade e neste trabalho, a problematização é feita com base no olhar e relatos das atletas, analisados, em alguns casos, pendentes ou tendentes, para gênero e, em outros, para sexualidade. Desde que foram informadas da temática da entrevista e do trabalho, já se posicionaram no início, ao solicitarmos suas autodefinições de gênero, o que as levou a marcar posição também quanto a sua sexualidade.

Daniela (2018) lembrou:

‘Aquela menina parece um homem jogando. É que nem um homem’. A única imagem minha era essa, quando você tinha uma menina [que se destacava ela era o homem. Ela era a sapatão, ela era masculinizada, porque ela jogava bem. Assim, porque mulher mesmo era aquela que não sabia pegar a bola, chutava tudo errado.

Helal, Soares e Lovisolo (2001) descrevem o sentimento generalizado de que o futebol faz parte da própria essência do país e a maior parte dos brasileiros faz questão de mostrar os seus conhecimentos sobre o futebol. Janaína viveu inúmeras situações, em que ser mulher interferiu em sua participação no futebol. Ela assim relatou: “[...] provar que você é um ser humano pensante, porque você sabe conversar sobre futebol. É uma questão de gênero muito forte, ser mulher e saber de futebol, que pra muitos ‘hoje é bizarro’ [...] você tem que provar que entender de futebol não é uma coisa masculina. Ninguém pensa futebol com testosterona [...]” (JANAÍNA, 2018).

Para Daniela (2018), já na fase do futevôlei, “[...] que também é predominantemente um esporte masculino”, num dia, quando pediu pra jogar, foi barrada por ser mulher, mas, depois de muito insistir, deixaram. Foi sua redenção, pois deu um *show*, venceu todos e, convidada a continuar, declinou. “Só queria jogar uma partida”, e, antes de ir embora, disse: “Foi muito chato, mas calei a boca deles”.

Com Maria (2018), árbitra, já aconteceu “[...] de entrar no campo e o cara olhar e dizer: ‘nossa, é mulher, vai dar merda’”. Em uma partida do Campeonato Estadual Profissional Masculino, marcou um lance com convicção e foi ignorada pelo árbitro. Ela entendeu que “[...] a confusão pra cima dela [...]”, foi potencializada pelo preconceito, visto o tipo das agressões verbais: “[...] tinha que ser mulher para errar uma coisa dessas”. Porém, havia filmagem do lance, quando ficou comprovado que ela estava correta e a federação puniu disciplinarmente os atletas e o treinador agressores, desqualificando a fala relativa à ineficiência do gênero feminino no futebol.

Souza e Knijnik (2007) afirmam que as mulheres atletas são submetidas a situações de constrangimento, mediante insinuações dúbias e piadas estigmatizantes como se esse espaço esportivo fosse de exclusivo domínio masculino. Essas afirmações evidenciam-se com a presença de ditados machistas, tais como: “lugar de mulher é na cozinha” e “futebol é coisa pra macho”.

Janaína (2018) levantou uma questão: “É importante, porque o futebol [...] está muito ligado à questão da masculinidade e, querendo ou não, isso reflete no futebol feminino, reflete de uma forma que realmente não tem como negar: a maioria das mulheres são masculinizadas ou homossexuais, isso é fato visível”.

Além do mais, apresenta como uma percepção, mas acredita que se deva pesquisar: “É uma questão a ser debatida por conta disso, é um fenômeno natural, você vê, você nota, você percebe e quem lida com futebol feminino vê isso claramente, muito claramente. Então, é uma questão que tem que ser estudada, debatida e trabalhada cientificamente com certeza”.

As informações das atletas e a indicação de um debate maior sob vários ângulos, acerca das atletas homossexuais presentes no futebol, nos suscitam algumas questões: o futebol tem sido o espaço de expressão destas mulheres? Fato retratado e questionado por Goellner (2005) que

levanta a função atribuída tradicionalmente ao esporte como um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades. Então, por que essas modalidades não são incentivadas? Por que são tratadas como uma ameaça? Essa suposta transgressão não seria positiva para as meninas?

Outra situação é a de despertar o respeito da sociedade as homossexuais no esporte e complementaríamos - também fora dele. Guedes (2003) faz-nos despertar para o potencial do futebol feminino, para pôr em pauta o respeito à mulher esportista e particularmente às mulheres homoafetivas em toda a sociedade.

Amanda chama a atenção do outro lado da moeda, quando diz que existem muitas heterossexuais, que gostam de futebol e jogam muito bem, mas não se dispõem a entrar devido ao entendimento de que teriam um grande dispêndio de energia psicológica, para superar os entraves existentes e discutidos ao longo deste trabalho, carecendo esta situação também de uma abordagem, sob o risco de continuarmos reproduzindo, a mesma segregação, entre as próprias mulheres, como retratada desde 1980 (ALMEIDA, 2018).

A temática da mulher no esporte tem sido constante nas pesquisas da área de gênero, apontando a desconstrução de velhos conceitos, como “mulher não sabe jogar futebol”. Swain, citado por Goellner (2005), ressalta que um novo olhar sobre os gêneros, inaugurado por Joan Scott, rompe com a ideia de que exista somente um jeito de ser masculino ou de ser feminino.

Louro (2008) diz que o gênero se torna uma marca discriminatória social, assim como as práticas sexuais. As relações de poder subjagam a mulher (e outras categorias) a ações distintas como desacetos machistas sem fundamentação. Nesse grupo, verificamos que as atletas estão sujeitas aos mesmos desacetos, mas que estes não foram diretamente o motivo para essas atletas pararem de jogar, e sim a falta de condições estruturais e remuneração e um custo de oportunidade.

Goellner (2005, p. 148) diz que “[...] os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e estas os definem”.

Raíssa lembrou o episódio, em sua escola, no ensino médio, da carta de uma menina da equipe para outra, interceptada e invadida em sua privacidade e intimidade e divulgada, deu início à discriminação dentro da escola, reuniões com as famílias e abandono da escola por uma das meninas. Na escola continuaram as piadinhas e comentários.

Raíssa hoje tem mais dimensão do horror que isso é, de uma menina ter de sair da escola por esse constrangimento. Goellner (2005) diz que as mulheres, ao serem identificadas com papéis que não correspondam a seu sexo biológico, são desqualificadas pela sociedade para o exercício da cidadania em todos os sentidos. Tal fato semelhante aconteceu recentemente com duas jovens colegas de Amanda, na equipe do bairro, em que suas famílias, informadas de seu relacionamento/namoro, proibiram as meninas de jogar futebol.

Teixeira e Caminha (2013) dizem que as mulheres ainda enfrentam diversos tipos de dificuldades fundamentadas em aspectos socioculturais e atitudes preconcebidas, como a segregação, o cerceamento, a erotização e a vigilância sobre a identidade de gênero que cada uma das atletas entrevistadas vivenciou praticamente em todos esses aspectos classificados ao longo de suas carreiras.

A respeito do machismo, Maria afirmou: “Não, eu nunca deixei interferir”. Ela se refere a sua atuação como árbitra, mas sempre ouve, em campo e da torcida, desde piadinhas até os extremos, tais como: “Ah, não, pelo amor de Deus, mulher não, mulher não aturo, mulher não sabe, mulher que não sei o que [...]”, além do afronto da suposta sexualidade: “Ah, parece que não gosta de homem, que não sei o que [...]”. Goellner (2005, p. 149) ensina que qualquer que seja a orientação sexual, a suspeição de que a mulher que habita esse corpo tido como viril vivencia seus prazeres diferente do heterossexual – considerado normal sob uma perspectiva binária – parece justificar, mesmo que inconscientemente, esta espécie de exceção à lei, com permissão para agredir. Do mesmo modo, além de ilegal, parece-nos sem nenhum fundamento, e sugerimos tratar como uma possível patologia social, a ser talvez classificada como homofobia hipotética punitiva sumária do futebol.

Todas as atletas conferem muita importância ao conhecimento das questões de gênero, pelos treinadores e treinadoras, no futebol de mulheres, jamais ignorando-as no seu agir, mas, por outro lado, sem deixar que isso seja supervalorizado em detrimento da capacidade esportiva, com bloqueio dos talentos, imaginando que o gênero e a sexualidade sejam limitadores ou

impeditivos para o crescimento técnico, físico e psicológico das atletas. Daniela (2018) assim definiu: “É um atleta, seja homem ou mulher, seja um veado, um sapatão”.

Janaína (2018) afirmou que o treinador, independentemente do sexo dele ou do atleta, não pode ignorar a questão de sexualidade, porque influencia a vida dos atletas e o desempenho esportivo. “Não seria um bom treinador se ignorar e simplesmente achar que o atleta é um robô de repetição de movimento perfeito”.

Maria (2018) lembrou que, nos times, vão acontecer relacionamentos e o treinador e as atletas deverão saber tratar um a outro. “Há as diferenças de orientação sexual que devem ser levadas com naturalidade [...]”. Além disso, confirmou e alertou: “[...] as atletas têm que colaborar com quem administra, sabendo não colocar suas vontades e relacionamentos pessoais acima dos objetivos da equipe”. Raíssa (2018) complementou: “[...] o(a) treinador(a) tem que ter a mente aberta, se desapegar de estereótipos, ter empatia, conhecer um pouco da vida dos atletas”.

Verificamos que há necessidade de conhecer o contexto do futebol de mulheres com respeito às diferenças do ambiente, seja de estrutura, de organização, de gênero e de sexualidade, seja das relações pessoais nas equipes, treinamento e da psicologia, de forma a equilibrar e perseguir os objetivos esportivos.

As jogadoras que participaram desta pesquisa apresentaram, durante a entrevista, várias propostas para o futebol entre as mulheres no presente e no futuro, algumas das quais estão descritas em outros tópicos. Aqui destacamos as que compõem nossa quarta categoria.

Janaína, Raíssa, Maria, Amanda, Daniela, evocaram a necessidade de consciência e empatia social no sentido de promover a liberdade das mulheres. O futebol é representativo nesse sentido e um meio possível para o crescimento educacional, cooperativo e solidário, constituindo sua importância, além do campo estritamente esportivo.

Durante o discorrer desta análise e discussão, ficou claro que a sociedade deverá permitir incondicionalmente que as meninas joguem e complementem com as demais ações estruturais necessárias para o futebol de mulheres, desde as suas famílias até a escola. As entrevistadas chamaram a atenção para o investimento nas categorias de base, inclusive competitivas, como fundamentais para o futebol de mulheres. Maria (2018) disse: “Incentivo tanto das escolas do

ensino fundamental até o ensino médio. Depois que passa isso aí, a pessoa não tem mais pra onde ir. Ou inicia no ensino médio, ensino fundamental ou dificilmente vai chegar [...]”.

Raíssa (2018) revelou sua expectativa como professora de Educação Física na rede pública:

Enquanto professora, utopicamente, o meu sonho é que, nas minhas aulas, eu consiga desconstruir um pouco disso de menina não poder jogar ou de menina ter que jogar igual menino ou que desconstruir um pouco dessas coisas, de que menino não pode fazer ginástica, essas complicações, eu tenho isso na minha cabeça.

O futebol ser jogado por mulheres precisa, simplesmente, ser mais comum. Amanda (2018) convocou “a política” a participar:

Eu acredito que primeiramente tem que ter uma mudança ideológica, e não sei se o Brasil vai chegar a esse ponto, mas existe muito preconceito hoje e a gente tá numa era de muito ódio, então assim, tá difícil quebrar paradigmas e com isso envolve a política e aí deflagra pros outros âmbitos.

As instituições que comandam o futebol hoje desconhecem com as singularidades do futebol feminino ou não sabem lidar com elas (GOELLNER, 2005). Para modificar esse cenário, uma política para experimentar seria incluir mais mulheres e jogadoras para administrar parte do futebol e compensar a lacuna sobre a qual alerta Goellner (2005): de que as mulheres estão distantes das relações de poder, participação, gestão e do comando do futebol.

Janaína (2018) apontou, com veemência, a necessidade de investimentos, em especial buscando equilíbrio no uso das verbas públicas e proporcionando o início e a experiência para um mercado potencial do futebol feminino ainda latente:

Falta ter vergonha na cara, porque é muito fácil falar ‘Ah, o futebol feminino não acontece, porque não se banca, não se paga’. [...] O que precisa primeiro é acabar com o preconceito, precisa o Estado assumir que o futebol faz parte de nossa cultura e ele tem que cuidar disso, falta as federações terem um trabalho mais sério, CBF, todo sistema federativo ter um trabalho mais sério de saber que o mesmo investimento que eles têm que dar pra um, tem que dar pra outro. Não tá escrito em lugar nenhum que eles têm que investir no esporte masculino.

O futebol (masculino) toma enorme proporção da mídia, possuindo setor próprio (TOLEDO, 2000). Porém, no futebol feminino, as transmissões têm seu caráter esportivo distorcido.

Santos e Medeiros (2016) analisaram e comprovaram que os narradores na mídia televisiva continuam a reproduzir os discursos machistas nas transmissões. A narração das transmissões prioriza o apelo estético em detrimento dos aspectos técnicos/táticos do jogo, no intuito de trazer à tona a reflexão sobre a feminilidade que se deseja que as mulheres apresentem dentro do campo esportivo. Concordamos com Santos e Medeiros (2012) de que a resignificação, proposta para o futebol feminino por Goellner em 2005, deve passar por todo processo comunicativo.

Vimos uma esperança em meio a um relato de Amanda de que a comunicação moderna traz as mídias sociais ganhando força, como forma de as atletas localizarem outras atletas, escolinhas, equipes, campeonatos, o que possibilita a reunião de mais pessoas e suas ações por meio do interesse comum das mulheres ao futebol e a sua prática. Por oposição, para observar todos os ângulos, estamos cientes de que também há, nas mesmas mídias, a onda de massacre das diferenças e o futebol feminino pode ter que encarar essa onda adversa.

Um caso que passa por todas as representações contidas neste trabalho é o de Marta, jogadora da Seleção Brasileira. No período em que decorreu esta análise, ela foi eleita pela sexta vez a melhor jogadora do mundo pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), sua entidade máxima, fato que mereceu destaque mundial. Marta contou, em entrevista ao site da FIFA, que o futebol é sua vida desde os 6 anos.

Conceição (2018), na revista Ludopédio, informou que Marta se tornou profissional aos 14 anos. Desde antes, em sua terra natal, já esteve pressionada, inclusive por sua família, pelas várias dificuldades decorrentes de gênero já discutidas neste trabalho, configurando uma especial história de persistência. Marta buscou uma condição profissional condizente na Suécia, na maior parte de sua carreira.

A eleição de Marta significa muito para a construção da memória do futebol feminino. A camisa 10 é um exemplo de luta e perseverança para as atuais jogadoras e também para as futuras. Marta desbravou um campo árido de rótulos, preconceitos e sexismo no esporte. Por um tempo foi chamada de 'Pelé de saias', mas sua grandeza superou qualquer comparação e estereótipo (CONCEIÇÃO, 2018).

As entrevistadas evocaram a necessidade de consciência e empatia social no sentido de promover a liberdade das mulheres. O futebol é representativo nesse sentido e um meio

possível para o crescimento educacional, cooperativo e solidário, constituindo sua importância, além do campo estritamente esportivo.

Raíssa quis amenizar uma visão que ainda acontece: “É, sobre ser mulher no futebol, aqueles comentários de sempre ‘nossa, menina jogando bola’, ‘nossa, até que ela joga bem’ e umas coisas assim, como se fosse uma coisa absurda menina jogando”. “O jargão ‘o país do futebol’ mostra sua porosidade e inconsistência na prática cotidiana quando observado a partir do recorte de gênero” (MORAES; ROQUE, 2015, p. 59).

Amanda (2018) afirmou que existe um outro país do futebol, adormecido – o das mulheres, dividindo inclusive, visões de acordo com a sexualidade:

Eu acho que o público heterossexual feminino é muito cativo no futebol e elas não entram por empecilhos, por entaves, sendo que tem muita menina heterossexual e a gente conhece algumas que jogam futebol de forma maravilhosa e a gente perde muito por não agregar outras meninas heterossexuais no futebol.

A utilização do termo feminino ligado a futebol traz implícitas referências associadas à sexualidade e à feminilidade heteronormativamente impostas (KESLLER, 2012).

5.5 ELAS POR ELAS

A quinta categoria que batizamos de “elas por elas” surgiu quando perguntamos o que o futebol representa para elas em sua vida. Janaína (2018) se surpreendeu:

O que representa? Eu nunca parei pra pensar na verdade o que representa, porque por mim isso é um gosto assim, tão natural, pois é, mesma coisa que é para um homem. E que jogar futebol é uma manifestação cultural nossa brasileira independente de qualquer coisa.

Raíssa (2018) respondeu: “Ah, pra mim tem um significado muito grande pelo que eu passei e pela experiência que eu tenho com o futsal que eu gostava muito, mas eu acho que também é um lugar de empoderamento da mulher de certa forma e acho que é uma oportunidade e um espaço”.

Daniela (2018) afirmou: “Pra mim representa uma vitória, porque a gente, a gente vencer o preconceito, vencer essa discriminação mesmo. Hoje em dia jogar futebol é isso. Hoje em dia a gente pode ver mulheres que conseguem viver, poucas, mas tem mulheres”.

Elas afirmaram que o futebol faz parte da vida e da qualidade de vida e, mesmo que traga obstáculos relativos a gênero e oportunidades, há a superação que vem com uma sensação de vitória. Estão organicamente ligadas ao futebol e não tinham parado para pensar sobre o que representa para elas.

Ainda meninas, começaram a brincar de futebol com suas famílias e amigos. Maria (2018) disse que permite a socialização e diversão e jogar futebol “[...] acrescentou qualidade de vida e questão social também de estar sempre ao redor das pessoas, ao redor de amigos esses fatores”. Percebeu os obstáculos e permanecer a torna forte e vitoriosa. Então, sonha em continuar e se profissionalizar, mas percebe o deserto de oportunidades e falta de reconhecimento de sua técnica e de maior respeito quanto ao gênero no futebol. Necessita de mais liberdade e de uma estrutura material, melhor e mais acessível: campos, quadras, bolas, horários, organização. Ademais, gerar e ocupar uma parte do mercado. Maria, que agora vive da arbitragem profissional, mostra que o futebol mexeu com seu cotidiano, com uma preparação multidisciplinar: física, técnica, nutricional e psicológica, com acompanhamento de profissionais em cada área.

Matta (1982) demonstra que o futebol é um fenômeno capaz de dar consciência da cultura popular e assim participar e contribuir para muitos fenômenos históricos. Neste ponto, uma linha comum que se abstrai do pensamento de todas as entrevistadas, paradoxal, no sentido de conhecer e ter vivenciado muitos dos obstáculos, mas simultaneamente e de alguma forma, afirmar que não se sentiram atingidas ou ter que sublimar-se.

Podemos perceber a consciência dos riscos e de suas atitudes para evitar os aborrecimentos, que, mesmo frustrantes, quando não traumáticos, não abatem as nossas entrevistadas. Em consonância com as lutas sociais das mulheres em geral e no esporte, há bons indicadores de participação e organização e superação destes obstáculos “pela sua resiliência” (BORGES et al., 2006, p. 106).

Essas ações distintivas, discriminatórias quanto ao gênero, voltadas especificamente para o futebol, podem ser superadas ou até ignoradas, como acontece com parte das colegas entrevistadas; porém, o futebol feminino ainda não consegue desgarrar-se dessa ligação. Amanda (2018) proclamou: “O futebol não é homossexual, o futebol feminino não é homossexual, o futebol feminino ele exige da mulher uma virilidade que tanto as homossexuais quanto as heterossexuais podem ter porque isso não tem nada a ver com sexualidade, entendeu?”

Verificamos, nas falas, os trechos de cada uma que são confrontados: Maria contou que já a agrediram verbalmente várias vezes, mas não deixou isso interferir no seu trabalho. Raíssa (2018), novamente sobre o episódio em sua escola, quando estudava no ensino médio e jogava, disse que foi horrível, “[...] mas hoje eu dou mais importância a isso do que eu dava na época e hoje eu vejo o quão isso é horrível, na época, na minha mente eu percebia o quanto era ruim, mas eu acho que eu não tinha noção da dimensão do problema”. No caso, o problema culminou com a saída da colega da escola. Sempre teve de ouvir piadinhas e comentários eróticos: “É, porque eu não sei quem é que tá falando isso comigo, eu não me sinto segura de rebater porque eu não sei o que a pessoa pode querer fazer comigo”. Janaína e Daniela disseram que existe preconceito, mas isso nunca as afetou e sempre tiveram postura de não dar espaço a essas situações.

Mesmo com toda essa problemática, as mulheres brasileiras têm conseguido se adentrar no universo futebolístico, alcançando lugares de destaque independente do setor em que estiverem inseridas, pois a vontade de jogar ou o amor pelo futebol é mais forte que qualquer tipo de pressão ou discriminação social (REIS E ARRUDA, 2011, p.).

As jogadoras configuram-se como itens que compõem o sucesso no futebol, o apoio, o reconhecimento, a condição técnica, os resultados em campo e o retorno financeiro. Esse sucesso é fundamental para “virar o jogo”, quando, no primeiro momento, a família e as pessoas próximas não conferem o apoio e suporte necessário.

A essas atletas pode-se atribuir o título de bem-sucedidas. Senão, vejamos: começaram cedo e em família, superaram os primeiros estigmas, permaneceram e se tornaram competitivas, chegaram à graduação, muitas das quais pela Educação Física, e compreenderam o processo em que estão inseridas. Aqui uma lacuna, pois não chegaram a ser testadas no futebol profissional, pois este nível não existe no Estado, sendo esta a maior dificuldade que

interrompe o seu sonho – se é que já não modelava o seu projeto. Por isso, não caracterizamos como insucesso não se suceder em um mercado inexistente. Em contrapartida, permanecem em atividades profissionais no ambiente do futebol e jogando como forma de lazer.

Depois de terem parado de competir oficialmente e permanecer no futebol, jogando em seus momentos de lazer de forma amadora, ou em atividades profissionais ligadas ao futebol, torna-se entre essas jogadoras um traço comum, revelador de sua vontade e persistência. Janaína participou da formação de equipes, inclusive de uma seleção capixaba de futsal, que teve destaque nacional. Raíssa é treinadora de escolinha de futsal. Daniela deu aulas de futebol em projetos sociais, cuja habilidade com a bola e o costume de jogar na praia a levaram para o futevôlei, tornando-se campeã mundial. Hoje é professora da modalidade. Maria tornou-se árbitra profissional e chegou ao quadro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e desse grupo é a que está literalmente inserida no futebol profissional.

Ao cabo de tantas relações sociais, presentes, discutidas e analisadas no contexto das capixabas, acreditamos que essas atletas representam o que nos diz Dos Santos (2016): o futebol feminino pode ter um papel para além de suas atuais fronteiras e representa uma minoria que vem se qualificando num esporte com a grandeza do futebol no Brasil. A inserção feminina nesse esporte rompe muitas barreiras e integra pessoas de diferentes gêneros, mas também pessoas de distintas origens sociais, culturais, religiosas e raciais.

As nossas jogadoras entrevistadas correspondem a essa expectativa, cujas teorias discutem questões sociais, as atitudes são pautadas no respeito e a prática na inclusão, muitas das quais se tornaram professoras, ampliando seu papel social. Kessler (2016, p. 240) alerta que: “[...] a utilização da expressão ‘feminino’ carrega referências ligadas à sexualidade e à feminilidade normativamente impostas”. Elas não cedem a estas imposições e podemos dizer que representam uma minoria qualificada do futebol feminino ou de mulheres que jogam futebol e o tornam parte de sua vida, contra todos os obstáculos, mas acreditamos que vão ainda além e que elas são o próprio futebol, pluralizado, desamarrado do que alerta Kessler.

Louro (2008) diz que o termo “feminino” atribuído ao futebol jogado pelas mulheres indica o antagonismo entre os gêneros, disparando os mecanismos de diferenciação calçados no discurso-padrão masculino heteronormativo. O futebol deve ser plural e não dividido, não segregador. Nossas atletas vivem o futebol feminino ou o futebol plural? A partir de suas falas agregadoras, de inclusão, de se preocupar e atentar para o fato do esporte e do futebol terem

este poder libertador, para todos, homens e mulheres, independente de outras características pessoais, físicas ou fisiológicas, entendemos que elas vivem o futebol e sua pluralidade de possibilidades. Elas são o futebol.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecemos nossas considerações a princípio com uma autoavaliação do alcance de nossos objetivos a partir das entrevistas e das opiniões das entrevistadas; a seguir, provocamos a possibilidade das perspectivas de informações mais qualificadas sobre gênero e sexualidade no futebol chegarem as atletas e a comunidade; por fim apresentamos a proposições gerais de como acreditamos que se possa fazer, sempre para melhorar a vida de todos, no futebol e fora dele.

Hoje, com o número maior de pesquisas e acesso pela possibilidade das ferramentas da internet, além de circulação dessas informações e conhecimentos, notamos a importância do tema, no intuito de buscar a igualdade de gênero e o desenvolvimento das oportunidades para as mulheres na modalidade.

A respeito das entrevistas e entrevistadas, não conseguimos prever que chamar meninas que tiveram a chance de discutir e conhecer os problemas estruturais do futebol feminino sob a ótica de gênero e sexualidade teria o propósito de mostrar que o conhecimento acadêmico a esse respeito deve circular entre mais jogadoras.

Hoje, mesmo que, ainda iniciantes em pesquisa, temos convicção de que as histórias de suas trajetórias, nos deram motivo para termos segurança de que atingimos os objetivos da identificação, compreensão e problematização das questões de gênero e sexualidade no futebol de mulheres. Porém elas foram muito além de nossas expectativas como temos explicitado e descrito. Certamente suas trajetórias não se resumem em um roteiro com 18 perguntas respondidas em média de 45 minutos por entrevista.

Ainda lembro que, quando conversávamos (havia 20 anos, em alguns casos) informalmente, tanto eu quanto algumas delas nos incomodávamos por não entender quão profundas e internalizadas são as estruturas de diferenciação (ou discriminação, ou preconceito) do futebol. Hoje temos ao menos a certeza de que não precisa ser assim, com esses obstáculos.

Acreditamos que o futebol de mulheres tenha possibilidade de expressão ainda maior, de irradiar essa busca da igualdade de gênero para além do âmbito do futebol. Afirmamos isso pela força que vejo nas “transgressoras” atletas, para expressarem sua vontade de jogar e seus

sentimentos a respeito da vigilância de gênero ainda existente, combatendo-a de forma mais ativa e segura do que era no passado. Acreditamos que o futebol de mulheres pode e deve ser o espaço para essas sociabilidades, visando ao exemplo de tolerância e respeito às diferenças.

Uma proposta que pretendemos levar às equipes de futebol feminino do Espírito Santo é que se propicie às atletas o contato com as pesquisas de gênero. No feminino, com maior entendimento de seus problemas e o que os origina, poderemos ter mais sucesso nas novas proposições à procura da igualdade de gênero, com a percepção da importância deste tema por atletas, treinadores e torcedores, quando se fala de estruturação do futebol, por exemplo.

Ficou claro que as mulheres deveriam ter mais apoio: mas por que o futebol não o tem? As respostas já estão nas pesquisas, porém são desconhecidas por grande parte do público e até mesmo por quem pratica.

Despertar nas atletas e nos treinadores conhecer a origem de seus problemas e também apresentar o conhecimento científico como ferramenta de empoderamento poderá fomentar esse ideal. Das pesquisas podemos abstrair que as dificuldades são semelhantes em todo o Brasil, e, no tocante a gênero, também em outras partes do mundo. É preciso que as meninas, as jogadoras, as atletas tenham consciência desse fato.

Necessitamos trazer a questão da sexualidade e gênero para discussão e percebemos uma linha nesse sentido. Os problemas, e posteriormente as soluções, não são decorrentes somente do fato de elas serem mulheres. Entre essas mulheres que querem jogar futebol, a forma de dificultar sua expressão esportiva ainda tem uma categorização tácita, decorrente de sua orientação sexual, qualquer que seja essa orientação: se "heteros", a sociedade quer que ela não jogue; se "homos", a sociedade deseja que não devam estar em nenhum lugar.

Penso que, além da desconstrução das diferenças de gênero, será preciso respeitar as diferenças de orientação sexual. O futebol entre mulheres reserva um espaço a meninas que se sentem diferentes ante o padrão heteronormativo, simplesmente por jogar futebol e pela possibilidade de encontrar outras meninas também diferentes, em suas múltiplas diferenças desse padrão. Esse espaço deve ser preservado e simultaneamente aberto a mais mulheres, sejam quais forem os pensamentos ou as orientações sexuais, que poderão estar lá para jogar futebol como meio ou como fim. Cada esporte tem seu código de comportamento e um ou

outro se diferencia de acordo com o gênero. Assim sendo, o futebol de mulheres está construindo o seu código, com muitas diferenças de seu paralelo masculino dominante e expressivo no Brasil.

Assim, acreditamos que este tema deve circular entre as mais interessadas, e reforçamos as falas das atletas de forma mais abstrata do que nas entrevistas: construir uma nova educação, propondo às crianças maior igualdade de gênero desde a infância; alterar a estrutura, ainda conservadora, da Educação Física, novamente propondo a igualdade de gênero; equilibrar os investimentos públicos no esporte e no futebol, considerando o fator para a igualdade de gênero nessa divisão; investir em categorias de base, para que as meninas tenham um ferramental técnico para evoluir em seu padrão atlético e esportivo, porém sem utilizar referências de padrão do futebol masculino; e evoluir na educação pública quanto ao tema respeito à diversidade sexual.

Hoje, como citamos no trabalho, o futebol entre as mulheres é melhor do que era 20 anos atrás, mas ainda longe de ser o que percebemos que ele pode ser e deve ser, a princípio aberto às mulheres que queiram jogar ou participar de tantas outras formas possíveis. Precisamos debruçar-nos para liberar as amarras e obstáculos que já não são desconhecidos ou secretos e desconstruí-las. Desobstruí-las. Acordar, permitir, respeitar, olhar com carinho, como dizem as atletas entrevistadas. Resignificar, conforme diz Goellner (2005).

Ao longo do trabalho e sem condições de explorarmos mais a fundo alguns pontos, anotamos algumas perguntas e curiosidades que deixamos como agenda de pesquisa:

1) Pesquisar o futebol de mulheres no Espírito Santo em vários aspectos, com entrevistas com um número maior de jogadoras que se tornaram professoras de Educação Física, pela sua possibilidade de trazer mais relatos ou comentários com base em vivências pessoais articuladas com a literatura científica e seu aprendizado e reflexões acadêmicas.

2) Pesquisar o futebol feminino das décadas de 1980 e 1990 no Espírito Santo, com base na revogação da proibição em lei, com jogadoras, treinadoras e dirigentes pelo viés da redemocratização do Brasil, inclusive trazendo sua situação como jogadora durante a proibição, principalmente no interior do Estado.

3) Registrar a história de craques capixabas dos anos 1980, como Sirlene Siller, Daniela Bambam, Rosanira, Rosi Ferrari, Fernanda Sabaini, Gabriela Zanotti, Denise e Denise goleiras, entre outras, utilizar o olhar dos treinadores Leda, Rafael, Vanusa e registrar impressões acerca do jogo Seleção Capixaba x Radar no Estádio Kleber Andrade, em 1/5/1986.

4) Acompanhar o impacto, por viés de gênero, no futebol de mulheres no Espírito Santo, considerando as falas do presidente eleito em 2018, das quais historicamente se abstraem preconceitos, homofobia, misoginia e retrocesso.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Carolina Rodrigues de. A mulher atleta: feminilidade e desvalorização. Uma breve revisão. **Revista Digital**, ano 19, n. 21, Buenos Aires, fev. 2015.
- ALMEIDA, Caroline Soares de et al. Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. 2018, 254 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2018.
- BARREIRA, Júlia et al. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, n. 2, v. 24, 2018. p. 607-618.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a pesquisar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, n. 1, v. 2, 2005. p. 68-80.
- BORGES, Carlos Nazareno Ferreira et al. Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino. **Movimento**, n. 1, v. 12, 2006.
- CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha; LISE, Riqueldi Straub. O enredo da vitória – seleção brasileira de futebol e identidade nacional (1950-1970). **Recordre: Revista de História do Esporte**, n. 2, v. 5, 2012.
- CHAVEZ, Alex Sandro. **O futebol feminino**: uma história de luta pelo reconhecimento social. 2007. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd111/ofutebol-feminino.html>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- CHIÉS, Paula Viviane. Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante! **Movimento**, n. 3, v. 12, 2006.
- D'ÁVILA, Livia Bonafê; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Futebol feminino e sexualidade. **Revista das Faculdades Integradas Claretianas**, n. 2, v. 1, 2009, p. 30-41.
- FEDERAÇÃO ESTADUAL DE FUTEBOL DO ESPÍRITO SANTO**. Disponível em: <<http://futebolcapixaba.com/>>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITO SANTO DE FUTEBOL DE SALÃO**. Disponível em: <<http://www.fesfs.com.br/>>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho?”: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, n. 50, v. 25, 2005. p. 315-328.
- GOELLNER, Silvana Vilodré. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodré. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, n. 1, v. 8, jan./jun. 2005. p. 85-100.

GOELLNER, Silvana Vilodré. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 2, v. 19, São Paulo, abr./jun. 2005. p. 143-151.

GOELLNER, Silvana Vilodré. O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais...**, 2007. p. 1-9.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar** – como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUEDES, Simoni Lahud. Informação verbal. In: **Congresso de Esportes**. CEFD/UFES, 2003 (Informação Verbal).

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

HELAL, Ronaldo George. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação Mídia e Consumo**, n. 21, v. 8, 2011. p. 11-37.

HELAL, Ronaldo; COELHO, Maria Cláudia. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 149-162.

HELAL, Ronaldo George; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino. *Sociologias Plurais: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia/UFPR*, Curitiba, n. especial, 2012.

KESSLER, Cláudia Samuel. In: KESSLER; Cláudia Samuel (Org.) **Mulheres na Área**: gênero, diversidades e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A Mulher Brasileira & o Esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. 475 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História Agora**, v. 16, São Paulo, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes. 2008.

LUDOPÉDIO. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevista/fabio-fanzini-parte-2>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves. **Educação Física e Gênero: olhares em cena**. UFMA, 2003. São Luís: Imprensa Universitária/UFMA/COSURP, 2003.

MATTA, Roberto da. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.

MIRAGAYA, Ana. As mulheres nos Jogos Olímpicos: participação e inclusão social. In: RUBIO, Katia. **Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social**. 1. ed. V. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 229-231.

MORAES, Enny Vieira; ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino. Sissi, a craque sem história: fragmentos sobre o futebol feminino no Brasil (1984–1989). **Revista Eletrônica Discente História.com**, v. 2, n. 4, p. 59, 2015.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40**. 1998. 341. f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998. 341 PÁGINAS

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo H. L.; TUBINO, Manoel José Gomes. A inserção histórica da mulher no esporte. **Rev. bras. ciênc. mov.**, n. 2, v. 16, 2008. p. 117-125.

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. **Movimento**, n. 3, v. 10, 2004. p. 99.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. *Journal of Physical Education*, n. 1, v. 11, 2000.

SALVINI, Leila; DE SOUZA, Juliano; MARCHI JUNIOR, Wanderley. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 3, v. 26, 2012, p. 401-410.

SANTOS, Ana Raquel Mendes dos et al. Produção de conhecimento na Educação Física sobre os aspectos culturais do futebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, n. 3, v. 24, 2016. p. 179-189.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, n. 2, v. 20, Porto Alegre, 1995. p. 71-99.

SILVA, Jefferson Henrique Rodrigues da. Gênero e futebol: os desafios da mulher na luta por reconhecimento social. EFDeportes.com, **Revista Digital. Buenos Aires**, Ano 17, n. 175, dezembro de 2012. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

SOARES, Antonio Jorge. **Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre**. *Futbológicas. Fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, n. 1, v. 21, São Paulo, jan./mar. 2007. p. 35-48.

SUGIMOTO, Luiz. Eva futebol clube: Mestrando relaciona o futebol feminino no Brasil com movimentos higienista, eugenista e feminista. **Jornal da Unicamp**, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

TEIXEIRA, Fábio Luiz Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro, uma revisão sistemática. **Revista Movimento**, n. 1, v. 19, Porto Alegre, jan./mar. 2013. p. 265-287. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/30943>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. 2000. 348 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TERRAY, Emanuel. Proposta sobre a violência simbólica. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose Marie (Org.) **Trabalhar com Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 303-8.

VILA NOVA FUTEBOL FEMININO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/vilanovafutfeminino/>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa “**Futebol Feminino, Gênero e Sexualidade – Entrevistas com Jogadoras e Treinadoras de Vitória-ES**”, desenvolvida pelo aluno Espedito Laerte Holanda Junior, orientado pela professora doutora Ileana Wenez.

Justificativa: A investigação tem por finalidade entrevistar jogadoras e treinadoras de futebol feminino acerca de sua visão e vivências sobre o gênero e sexualidade relacionados ao futebol feminino e ao olhar das pessoas, suas relações construídas e estabelecidas, o acesso, a permanência, a discriminação e as reações, mais especificamente para que descrevam como contextualizam essas questões em sua vida. Nesse contexto, pretendo problematizar os seguintes pontos: a. Como se dão o acesso e a permanência das atletas e treinadoras no futebol capixaba; b. Quais os sentidos que jogadoras e treinadoras atribuem às questões de gênero e sexualidade no futebol; c. Como são as diferenças de gênero e sexualidade (e discriminação se houver) no campo esportivo do futebol capixaba; d. Como percebem/sentem/negociam ou resistem as essas questões de gênero e sexualidade no futebol; e. Suas memórias e vivências de suas carreiras esportivas; g. Adaptações e transformações na prática do futebol feminino competitivo em Vitória, relacionadas a esses mesmos temas. Nesse sentido, o estudo poderá contribuir para o avanço do debate sobre o futebol feminino, gênero e sexualidade e as vivências na contemporaneidade, inclusive relativos à discriminação e reação, e refletir sobre as futuras possibilidades de intervenção no esporte e na sociedade em geral.

Objetivo geral: Problematizar quais sentidos jogadoras e treinadoras atribuem ao gênero e à sexualidade no futebol feminino capixaba.

Procedimentos de coleta de dados: Após o convite, a atletas e treinadoras, mediante o contato e trabalho do aluno, como treinador e dirigente esportivo, no âmbito do futebol feminino, será apresentado o tema e serão realizadas entrevistas semiestruturadas. As entrevistas serão gravadas e transcritas. As informações das entrevistas serão analisadas e utilizadas apenas para esta pesquisa, sem mencionar os nomes das pessoas envolvidas em nenhuma apresentação oral, nem em trabalhos escritos referentes à investigação que venham a ser publicados.

Possíveis benefícios e riscos: Os benefícios compreendem a contribuição que o estudo pode dar para as atletas e treinadoras de futebol e para a comunidade em geral, com a geração de novas oportunidades esportivas e melhor convívio nesse ambiente e em sociedade, com eliminação de barreiras, gerando maior facilidade em seu acesso, permanência, autonomia e o próprio empoderamento feminino na vida cotidiana. Embora mínimos, os riscos podem ser perspectivados como exposição dos sujeitos e suas memórias. Para evitar os danos que tais riscos podem causar, garantiremos o anonimato dos participantes, bem como compartilharemos e validaremos todos os dados e análises com os participantes da pesquisa antes de publicá-los. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar de conversas e entrevistas individuais sobre suas memórias, vivências, sua visão e reflexões. Os benefícios relacionados com a sua participação são as possibilidades de analisar esses relatos e estabelecer um diálogo com os estudos e conceitos contemporâneos relativos a gênero e sexualidade, com novas reflexões e propostas para sua emancipação e evolução. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais, assegurando o sigilo sobre sua participação.

Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. A publicação dos dados somente será realizada após a validação deles. Você receberá uma via deste termo, na qual constarão o telefone e o endereço institucional do pesquisador e do Comitê de Ética em Pesquisa da Ufes, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou em qualquer momento. Caso haja dúvidas ou denúncias, entrar em contato com o graduando Espedito L. H. Junior, telefone 99938-1158 ou com a professora Ileana Wenzel telefone: 98133-5511, ou ainda com o Comitê de Ética e Pesquisa pelo telefone (27) 3145-9820 ou *e-mail*: cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514. Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075.

Prof.^a Dr.^a Ileana Wenzel
Professora adjunta do Departamento de
Ginástica

Espedito Laerte Holanda Junior
Graduando do Bacharelado em Educação
Física

Centro de Educação Física e Desportos
Universidade Federal do Espírito Santo

Centro de Educação Física e Desportos
Universidade Federal do Espírito Santo

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação Física e Desportos

Laboratório de Estudos em Educação Física – LESEF

Av. Fernando Ferrari, 514

Campus Universitário Goiabeiras

Vitória-ES

CEP: 29075-810

Tel.: (27) 3335-7676 / (27) 9914-1600

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da Ufes: **CEP/UFES-Goiabeiras**: Tel.: (27) 4009-7840, *e-mail*: cep.goiabeiras@gmail.com

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado(a), concordo em participar, como sujeito, do estudo supracitado. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento em qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Local e data _____ - ____/____/____/

Nome: _____

Assinatura do sujeito: _____

ANEXO B – Roteiro da Entrevista

DADOS PESSOAIS

- a) Como é seu nome?
- b) Qual a sua idade?
- c) Como se declara em relação ao gênero?
- d) Como se declara em relação à raça?
- e) Por favor, forneça-me seu endereço.
- f) Qual sua formação, estudantil ou acadêmica?
- g) Em que trabalha atualmente?
- h) Qual sua religião?
- i) Como sua família é estruturada? Ainda mora com eles?

A) FUTEBOL/HISTÓRICO

1. Qual sua lembrança mais distante do futebol? O que estava fazendo?
2. Quem são as pessoas que o(a) influenciaram para praticar futebol e em quais situações isso aconteceu?
3. Quando sua família soube que você estava jogando competitivamente? Como foi a reação? O que disseram?
4. Como era o futebol para as meninas em sua escola, no ensino fundamental e/ou médio? E na faculdade/universidade?
5. Quando decidiu começar a jogar (ou ser treinadora) competitivamente no futebol? Isso disparou alguma mudança no seu cotidiano?

B) FUTEBOL COMPETITIVO/DESAFIOS

6. Como você caracterizaria/descreveria o futebol feminino no Estado?
7. Quais seus maiores desafios para jogar futebol competitivo (ou ser treinadora) e como você reagiu a esses desafios?
8. Acredita que haja diferenças no acesso e permanência das mulheres no futebol entre as décadas de 1980 e 1990 e hoje em dia?
9. Quais seriam os momentos que considera ruins em sua carreira dentro de campo ou fora dele?

C) GÊNERO/SEXUALIDADE/OPORTUNIDADES

10. Vivenciou alguma situação em que o fato de ser mulher interferiu no futebol?
11. Teve sua orientação sexual questionada pelo público em alguma situação?
12. Percebeu alguma diferença de tratamento no futebol, por parte das famílias e de quem assiste às partidas, relativamente à orientação sexual das atletas?
13. O que representa para você o fato de as mulheres jogarem futebol?
14. O que mais ainda falta para meninas e mulheres jogarem futebol?
15. Uma treinadora pode ignorar as questões de gênero e sexualidade no FF? O que ela deve saber para exercer a função? E um treinador masculino, no FF?
16. Houve algum episódio em que teve de sair em defesa das atletas em questões relativas a gênero e sexualidade?
17. Você gostaria de destacar algum aspecto que não tenha perguntado?